

Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS

Nº VII - SETEMBRO / 2021



SUMÁRIO



- 03 APRESENTAÇÃO EDITORIAL;
- 06 ILUSTRES ILUSTRADORES;
- 07 PRÓLOGO DOS ARTIGOS;
- 08 ARTIGO DE CAPA: "UMA QUIMERA!";
- 12 ARTIGO 01: O FEMININO: DEUSA TRÍPLICE E CHAPEUZINHO VEMELHO;
- 16 ARTIGO 02: O DEUS MITOLÓGICO E O HERÓI: PARTE 1;
- 25 ARTIGO 03: UM BANQUETE COM DIOTIMA;
- 29 ARTIGO 04: TOPOFILIA DA MÁTRIA;
- 50 ARTIGO 05: A LOUCURA NOSSA DE TODO DIA - PARTE 2;

- 58 BIBLIOTECA DE THOTH;

- 60 VITROLA DE ORFEU;

- 70 HISTÓRIAS DA VÓ TIANA;

- 71 ARQUIVOS DE LOKI;

- 75 A NONA ÁRVORE;

- 82 ACADEMIA DE QUÍRON;

- 87 PANTEÃO DE COLABORADORES;

- 94 AGRADECIMENTOS.

APRESENTAÇÃO EDITORIAL



Nossa Revista tem percorrido um caminho maravilhoso, e, após 6 meses de edições mensais, chegamos à 7ª Edição, a primeira bimestral, trazendo muita mitologia para nossos amados leitores!

Nesta edição temos pela primeira vez um ser mitológico na capa! Quem aí já ouviu falar da temível Quimera? Essa capa marca o retorno de um ilustrador nacional, após três capas consecutivas com parceiros de outros países!

Como na edição anterior, teremos um artigo de capa tratando desse ser tão incrível!

No mês passado iniciamos uma leva de artigos em duas partes e neste mês novamente teremos um artigo neste formato. Além disso, temos outros colaboradores queridos trazendo um tema mais interessante que o outro!

Na Biblioteca de Thoth, temos, como sempre, uma dica incrível de mitologia; A Vitrola de Orfeu traz duas bandas nacionais que pegam fogo, com temas celtas e egípcios! Nos Arquivos de Loki trouxemos uma resenha bem nórdica; Já a Nona Árvore traz mais um galho da mitologia grega em um poema transcendental; Vamos ouvir também mais Histórias da Vó Tiana; Já na Academia de Quíron, outros cursos interessantes surgem!

E agora um lembrete para nossos amados leitores: Vocês já devem conhecer nosso canal no Youtube, mas caso ainda não conheçam, acompanhem nossa página! Lá tem a programação das lives interessantíssimas que teremos!

Agora acabou a espera: vamos aproveitar a Nossa Revista!

Larissa Dias



Sou Larissa Dias, uma apaixonada pela Mitologia!
A Revista Eletrônica Mitologia Aberta surgiu com três principais objetivos: Divulgação, Colaboração e Paixão!

GUIA DE SEÇÕES

ILUSTRES ILUSTRADORES



Para saber um pouco mais sobre os artistas que dão vida às nossas divindades por meio de incríveis ilustrações.

ARTIGOS



Um grande banquete onde todos os deuses se encontram para partilhar conhecimento.

BIBLIOTECA DE THOTH



Thoth é o deus da sabedoria da mitologia egípcia e nesta seção vasculharemos em sua biblioteca dicas preciosas de livros de mitologia!

VITROLA DE ORFEU



Orfeu é o deus da música da mitologia grega e aqui teremos acesso à sua amada vitrola, repleta de mitologia musical!

HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



Quem nunca teve um familiar que lhe contasse histórias? Minha avó Sebastiana era mineira e sempre me contava histórias. Aqui, estarão essas histórias, que fazem parte da mitologia familiar brasileira!

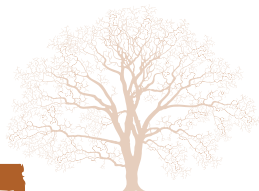
GUIA DE SEÇÕES

ARQUIVOS DE LOKI



Loki é o deus das trapaças na mitologia nórdica e com ele, tudo era fictício. Assim, muitos mitos se desenvolveram sobre as ficções criadas por ele. Por isso, nesses arquivos estarão algumas obras de ficção que foram baseadas na mitologia.

A NONA ÁRVORE



A Nona Árvore é uma seção especial para publicações de HQs mitológicas.

ACADEMIA DE QUÍRON



Quíron era um centauro da mitologia grega, que treinava os heróis! Então, nesta seção poderemos encontrar cursos, palestras e eventos de mitologia para quem queira se aprofundar neste tema encantador!

PANTEÃO DE COLABORADORES



Para saber um pouco mais sobre todos os incríveis colaboradores que criam cada uma de nossas sessões!

ILUSTRES ILUSTRADORES

Sou nascido em Tianguá-CE e moro em São Paulo-SP.

Tenho 26 anos e desenho desde criança, com algumas pausas, até que, por algumas complicações de saúde, passei a trabalhar de modo mais frequente com minhas ilustrações, há mais ou menos um ano. Desde então, trabalho com uma mistura de ilustração tradicional com digital, à parte de rascunho e-line art toda no papel, e a pintura no formato digital.

Gosto bastante de RPG, HQs e Mitos e assim, tento misturar um pouco disso em minhas artes.

Meu trabalho mais recente foi como ilustrador do livro "Quando o Improvável Ama", com ilustrações de personagens do folclore nacional como a lara, Saci, Anhangá, Pai do Mato, Curupira e outros.

Agradeço ao espaço espaço da revista e espero que meu trabalho seja do agrado dos leitores!!



Maycon Moreno
Instagram: @m4yk0on



"Quimeras",
Arte que ilustra a capa desta edição

PRÓLOGO DOS ARTIGOS



A revista Mitologia Aberta está na sua sétima edição, e no mês de Setembro estamos recheados de temas maravilhosos!

Logo no início vocês vão conhecer a Quimera, esse ser da mitologia grega que nos traz um questionamento muito interessante: o ela tem a ver com a nossa utopia, pessoal e social?

Já o primeiro artigo traz uma mistura de mito e contos de fadas falando sobre a Chapeuzinho Vermelho e a Deusa Tríplice.

No segundo artigo voltamos ao nosso querido e já conhecido tema de Thor, agora falando sobre seu significado pela perspectiva da função enunciativa de Michael Foucault! Este artigo terá sua continuação na parte 2, em nossa próxima edição.

Já o terceiro artigo nos coloca em um banquete com a personagem fantástica grega Diotima, em continuação ao banquete do mês passado, com o deus Eros.

O quarto artigo traz uma interessante colocação sobre a toponímia, a conexão sentimental com os lugares, em uma perspectiva incrível de uma visão mitológica.

Para finalizar, o quinto artigo será a segunda parte de duas, abordando o tema da loucura, desta vez falando sobre a arte, o mito e tratamento de pessoas com psicose.

Então, que tal percorrermos esta estrada rumo aos saberes ancestrais?

Boa leitura!

Larissa Dias

“UMA QUIMERA!”: A IMAGINAÇÃO UTÓPICA E A ENTREGA AO CAOS

POR LARISSA DIAS

Quem observa o monstro mitológico Quimera, que ilustra a capa desta nossa edição, vê uma mistura muito interessante de três animais, pois ela tem corpo e cabeça de leão, cauda de serpente e de suas costas sai um pescoço com uma cabeça de bode ou de cabra, além de cuspir fogo (WILKINSON, 2010).

Conforme Graves (2008), a palavra “Quimera” quer dizer cabra. Segundo ele, a Quimera, que fora encontrada esculpida nas paredes de um templo hitita em Carchemish, poderia estar ligada a um antigo símbolo calendário, que formava um ano de três estações. Além disso, Graves ainda fala que a Quimera era um importante símbolo ritual, usado nas representações dramáticas, receben-

do assim a categoria de “mito verdadeiro”, ou seja, uma “...redução de uma estenografia narrativa da mímica ritual representada em festivais públicos e, em vários casos, registrada pictoricamente nas paredes dos templos, vasos, brasões...” (GRAVES, 2008, p. 18).

Além disso, segundo Willis (2007), a Quimera tem sua origem como filha de Equidna, que era uma espécie de ninfa, com a parte superior de mulher e a parte inferior de serpente. Assim, Equidna foi mãe de outros seres assustadores, como:

- As Sereias, que eram mulheres que atraíam os homens para a morte com seu canto, podendo ser representadas com caudas de peixe ou aladas;

- A Esfinge, que era uma mulher com corpo de leão e asas de pássaro, cujo nome também queria dizer “a estranguladora” e que carregava um enigma para os que a enfrentavam;

- As Górgonas, que eram três mulheres com cabelos de serpente, e as Gréias, três idosas que partilhavam um dente e um olho, que predizia o futuro;

- A Hidra, que era uma imensa serpente aquática, com nove cabeças;

- O Cérbero, o cão monstruoso infernal, com três cabeças, que ficava nos portões de Hades, o reino dos mortos;

Todos os filhos de Equidna estavam ligados, de alguma forma, ao caos, pois todos esses seres tinham capacidade de matar os simples mortais, além de também serem uma cruel ameaça aos heróis, por isso carregavam em si o símbolo caótico.

Sabemos que a Quimera é formada por três animais: leão, cabra e serpente. Como o nome quer dizer “cabra ou cabritinha”, vamos começar analisando este símbolo.

Segundo Ramos (et. al, 2015), o carneiro ou a cabra teve sua importância em várias mitologias, es-

tando ligado a várias divindades. Podemos lembrar do seu símbolo como animal de sacrifício, começando na Babilônia, cuja morte deste animal expiava os pecados, quando sacrificado durante o ano novo. Na Grécia, como também no Egito e alguns outros países da África e de cultura islâmica, era imolado para garantir a fertilidade do solo.

Ainda, conforme a mesma autora, outro símbolo importante aparece na história de Caim e Abel, quando Abel oferece o melhor cordeiro do seu rebanho, o que teria agradado mais a Deus do que as oferendas da agricultura de seu irmão Caim. Além disso, outra relação é do cordeiro com a figura de Jesus, o que traz aspectos de pureza, obediência e mansidão. Mas o carneiro também pode ser relacionado com a “ovelha negra”, aquele ser que destoa do contexto social no qual vive, e por isso é tido como mal, errado, indisciplinado, etc.

Agora, falando sobre a serpente: a serpente tem seu simbolismo em várias mitologias, e pode se referir tanto a aspectos de sabedoria (como no caduceu de Hermes), força ctônica

(boa parte das deusas da terra tinham aspectos de serpente), transmutação (a troca de sua pele), como a aspectos de traição (a serpente da tentação no paraíso), ameaça (dar o bote), entre outros.

Pensando sobre a imagem do leão, temos ninguém menos que o rei da selva. O leão traz em si a força, a coragem, a liderança e a capacidade de dominar.

Como todos os símbolos podem ter aspectos bons e ruins, a Quimera pode também ter seu lado bom, afinal, se ela junta todas as características destes animais descritos, algo nela também está repleto tanto de luz quanto de sombra.

Existe algo interessante a observar: o uso do termo “Quimera” para falar de algo fantasioso, que não existe. Este termo é utilizado para falar de uma ilusão, de uma fantasia.

Segundo BRANDÃO (2015), a Quimera traz um símbolo de criações imaginárias, que nascem nas profundezas do inconsciente. Isso pode gerar desejos que ao não se concretizarem, se mostram frustra-

dos, gerando sofrimento para quem os tem. Nesta ótica, ela é como um monstro que seduz e que destrói quem a ele se oferece. Assim, não é possível matar a Quimera “de frente”, é preciso conhecê-la, persegui-la, para então conseguir eliminá-la.

Existem inúmeras situações onde desejamos nos entregar às utopias, pois elas sempre nos parecem atraentes e mais fáceis de alcançar. Durante a guerra fria, os relatos de OVNI aumentaram consideravelmente. Muitos deles mostraram ser, por fim, armas aéreas, que estavam sendo testadas de ambos os lados (Estados Unidos e Rússia). Não vamos aqui discutir se existem ou não OVNI, mas o que queremos trazer é o fato de que diante da ameaça de uma possível guerra, com explosões nucleares, mortes e sofrimento, seria muito mais fácil e menos problemático crer que esses objetos nos céus eram seres extraterrestres, e que estes vieram para nos salvar (por que não?).

As utopias pessoais ou sociais são experimentadas diariamente por todos nós. Pensando no simbolismo da Quimera como um animal caótico,

podemos compreender que toda utopia também nos leva a um caos, pois quando procuramos sair da realidade, acabamos nos deparando com um terreno desconhecido, onde muitas vezes podemos nos perder.

A Quimera traz uma sabedoria imensa quando relacionada a este aspecto utópico, pois simbolicamente a cabra nos faz estar “mansos” diante de algumas situações, ao mesmo tempo que também nos faz enxergar “bodes expiatórios” em situações onde muitas vezes somos nós os culpados. A serpente é a sabedoria escondida, que sempre temos, mas também é o nosso lado que nos trai e que nos atrai a ver uma realidade que de fato não existe, e ficamos como que “encantados”, por estarmos fora do que é real. E, por último, vem o leão, nosso lado que ruge a todos os pulmões as utopias que muitas vezes criamos ou que aceitamos acreditar para continuarmos sendo os reis das nossas selvas.

Então, vamos pensar: será que vivemos em alguma utopia atualmente? Como estamos lidando com a nossa Quimera?

Junito (2015) conta que o herói grego

Belerofonte matou a Quimera cavalgando Pégaso para se aproximar do monstro, e tendo o cuidado de encher de chumbo a ponta da lança que usava. Assim, quando a Quimera cuspiu fogo, derreteu o chumbo na lança, e quando Belerofonte a atingiu, isso a matou.

Deste modo, parece que a forma mais eficiente para matar nossas Quimeras é trazer o peso do chumbo da realidade para nossos momentos mais inflamados na vida, pois assim conseguiremos cavalgar livres em nossas verdades, como Belerofonte fez.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, J. S. Mitologia Grega Vol.1. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.
- GRAVES, R. O Grande Livro dos Mitos Gregos. São Paulo: Ediouro, 2008.
- RAMOS, D. G., Et Al. Os Animais e a Psiqué Vol I. São Paulo: Summus, 2005.
- WILKINSON, P. Mitos e Lendas. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- WILLIS, R. Mitologias: Deuses, Heróis, Xamãs nas Tradições e Lendas de Todo Mundo. São Paulo: Publifolha, 2007.

O FEMININO: DEUSA TRÍPLICE E CHAPEUZINHO VERMELHO

POR ROSÂNGELA FILIPPO

Sempre que pensamos na mitologia nos vem à lembrança grandes deuses e deusas, com seus poderes e imortais.

E nos contos de fadas pensamos em bruxas, príncipes e princesas.

No nosso conto não temos bruxas, príncipes e nem princesas, temos uma menina, uma mulher, uma anciã; falaremos de Chapeuzinho Vermelho e a Deusa Tríplice.

Chapeuzinho Vermelho (JACOB e WILHELM GRIMM) narra a história de uma menina que, a pedido da mãe, vai até a casa da avó levar doces e guloseimas. No conto as três personagens femininas encontram-se nas três fases da vida, representando a donzela, a mãe e a anciã, as três formas da Deusa Tríplice.

Algumas versões dizem que a história se passa à noite, em outras

que um lobo sangrento ataca os animais e moradores durante as noites de lua cheia, e Chapeuzinho Vermelho é a estrela brilhante engolida pela noite. (POSSARI, 2019).

Chapeuzinho Vermelho (MACHADO, 2010), conta a história de uma menina que sempre usava uma capa com capuz vermelho. Sua mãe, numa manhã, pede que ela leve uma cesta de doces à sua avó, que estava adoentada, mas alerta sobre os riscos da floresta. No caminho ela encontra um lobo. Os dois conversam e Chapeuzinho fala que precisa levar doces à casa de sua avó. O lobo diz para a menina seguir por um caminho mais longo, para que ele chegue à casa da vovó primeiro. Quando a avó pergunta quem bate à porta, o Lobo finge ser a menina e a avó o ensina a abrir a porta. Assim que vê a velha, o Lobo a devora. Quando Chapeuzinho chega, o lobo pede para ela chegar mais perto.

- *Vovó, que orelhas grandes! - disse Chapeuzinho.*
- *É para te ouvir melhor. - disse o lobo.*
- *Que olhos enormes, Vovó!*
- *É para te ver melhor.*
- *Que nariz comprido!*
- *É para te cheirar.*
- *E essa boca, vovozinha, que grande!*
- *É pra te devorar!*

O lobo saltou sobre Chapeuzinho e a devorou, depois caiu em um sono profundo. Um caçador passava ouviu o barulho do ronco, entrou na casa, e, com uma faca, abriu a barriga do Lobo, conseguindo salvar a menina e a avó.

Ele pediu para Chapeuzinho Vermelho buscar pedras. Ela correu e trouxe algumas, que eles colocaram na barriga do lobo. Quando ele acordou e quis ir embora, não conseguiu e acabou ficando caído no chão.

O caçador então o levou embora... Até hoje ninguém sabe onde o lobo foi parar...

Assim como Chapeuzinho Vermelho, o mito da Deusa Tríplice da Lua trata de três aspectos diferentes e comple-

mentares da deusa, as imagens arquetípicas: a donzela, a mãe e a anciã: Bastet, Ísis e Sekmet.

A Lua tem seus ciclos, ou seja, as fases lunares: Lua Nova, Lua Crescente, Lua Cheia e Lua Minguante. Assim como a lua, a natureza feminina também vivencia seus ciclos periodicamente, no evento conhecido por menstruação.

A lua influencia a natureza, as marés, as chuvas, e mantém o equilíbrio natural dos reinos vegetal, mineral e animal.

Um símbolo importante utilizado na representação da Deusa é a Lua – chamada de Deusa Tríplice, associando-se às fases da Lua: Na lua nova/crescente, a Deusa é a Donzela (representando a pureza e a busca pelo conhecimento). Na lua cheia, Ela é a Mãe (representando poder, proteção e carinho maternal). Na lua minguante, Ela é a Anciã (representando sabedoria, conhecimento e renovação). (ALMEIDA, 2017).

Na mitologia egípcia nós temos a deusa tríplice da lua, que são a deusa

Bastet – da lua crescente, a deusa Ísis – da lua cheia, e a deusa Sekmet – relativa à lua minguante e à lua nova, que é a morte, que precede um novo nascimento. (ALMEIDA, 2017).

Bastet - Lua Crescente - é a Deusa Virgem, a Donzela, o desabrochar da feminilidade e sexualidade, tempo de aprendizado, começo, crescimento, florescimento. Tem muito a ver com a infância e adolescência da mulher onde ela ainda é ela mesma. A estação do ano que está relacionada com a Lua Crescente é a Primavera. (ALMEIDA, 2017).

Ísis - Lua Cheia - é a Grande Mãe, deusa da fertilidade, está em sua plenitude, próspera, promovendo abundância, proteção, procriação, nutrição, senhora da vida. A estação do ano que está relacionada com o ciclo da Lua Cheia é o Verão. (ALMEIDA, 2017). Sendo que Ísis era associada à estrela Sírio, a renovação, e a um novo ciclo de vida. (FANTACUSSI, 2006).

Sekmet - Lua Minguante e Lua Nova - corresponde à Deusa Sábia, relacionada a experiência de vida e sabedoria, à habilidade de cura e de aconselhamento. Para a anciã não

existem segredos, pois, em função da sua idade, acumulou experiências, transformando-as em sabedoria. (ALMEIDA, 2017).

Ela é o Inverno, é a Lua que está presente no início e no fim do ciclo. Nessa etapa do ciclo a Lua encontra-se no máximo da sua escuridão. (ALMEIDA, 2017).

Deusa Bastet: deusa gata, deusa da casa, da família, da música, do prazer, da fertilidade e do nascimento. (ALMEIDA, 2019).

Ela é considerada filha do deus sol Rá, e sua origem é a mesma da deusa Sekmet, sendo que Bastet representa seu aspecto doce e sensual, tanto que suas festividades eram regadas a álcool e danças sensuais. Assim, a alegria de viver era celebrada por meio da imagem desta deusa, além da sensualidade, que os egípcios tentavam representar por meio da pintura dos olhos em forma de olho de gato. (ALMEIDA, 2019).

Por vezes é confundida com Sekmet, adquirindo neste caso o aspecto feroz de leoa.

Ísis: uma das deusas mais importantes da mitologia egípcia, deusa da fertilidade e da maternidade. Filha de Geb (deus da terra) e Nut (deusa do céu), esposa de Osíris e mãe de Hórus. (ALMEIDA, 2019).

Ensinou as artes da agricultura aos homens. Deusa da guerra, a deusa do Nilo, a grande médica, a deusa do amor, da alquimia, a estrela da manhã, deusa dos oráculos e, seu principal atributo, a deusa mãe. (ALMEIDA, 2019).

Representada como mulher bela, com uma coroa em forma de abutre, algumas representações a trazem com imensas asas e uma coroa em forma de chifres de vaca e disco solar. (ALMEIDA, 2019).

A figura da deusa tríplice incorpora todos os aspectos do feminino: a Donzela, a Mãe e a Velha.

A Donzela simboliza a juventude e a fertilidade: ela pode ser vista como pura e virginal, é a fase do início da vida feminina, como a menina antes da menarca ou como uma mulher solteira e jovem, sexualmente ativa, mas sem filhos.

A Mãe simboliza a maturidade sexual e a fase do período fértil, isto é, a mulher sexualmente ativa que gera e cria; a mulher grávida, a amante, a esposa.

A Velha é a mulher estéril, a mulher após a menopausa, que não tem possibilidade de gerar, mas que guarda segredos e sabedoria adquirida em seus anos vividos; representa o final do ciclo da vida, a morte, o fim do que existe.

No conto como no mito, uma é a jovem na flor da idade, representa a juventude. A segunda é a mãe, que representa o poder de gerar vida. E a última é a velha, que representa sabedoria sobre os mistérios do mundo e da vida, assim como é a própria morte. Ou seja, a virgindade, a fertilidade e a sabedoria, tanto no mito quanto no conto, estão relacionadas à confiança existente entre as três representações do feminino. (ALMEIDA, 2017).

As duas histórias nos mostram as mulheres em suas fases de vida numa jornada de autoconhecimento, e o autoconhecimento é um caminho

obrigatório para a descoberta de nossa missão na vida, desenvolvendo o que fazemos de melhor, encontrar nossos talentos e dons que nos tornam únicos. (ALMEIDA, 2019).

REFERÊNCIAS / NOTAS

- ALMEIDA, E. C. Nutrir-se da lua: caminhos de reconexão com o feminino criativo através da arteterapia. 2017. 69 f. Monografia (Especialista em Arteterapia) – POMAR –Proposta de Orientação Muultidimensional Arte Realidade, FAVI – Faculdade Vicentina, Rio de Janeiro, 2017.
- ALMEIDA, L. C. D. Mitologia Egípcia. Curso Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica Junguiana. UNIP. SP. 2019. (apostila)
- FANTACUSSI, V. A. O culto da deusa Ísis entre os romanos no século II – representações nas metamorfoses de Apuleio, 2006. 96 f. Tese (Mestrado em História da Sociedade) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis.
- MACHADO, A. M. Contos de fadas: de Perrault, Grimm, Andersen & outros. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 284p.
- POSSARI, P. D. DOS CONTOS ORAIS A PRODUÇÃO MIDIÁTICA: O feminismo e a construção das diferentes versões que compõem uma mesma chapeuzinho vermelho, Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade, v. 1, n. 2, p. 360-372, Itabuna, 2019.

O DEUS MITOLÓGICO E O HERÓI:

A FUNÇÃO ENUNCIATIVA DE THOR NOS QUADRINHOS (PARTE I)

POR BRUNO AGUINALDO FEITOSA

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, abordamos a questão de memória discursiva, materialidade e subjetividade, a fim de buscar apreender a humanização que o personagem Thor sofre pelos quadrinhos da Marvel. Com respaldo teórico e metodológico no campo da análise do discurso (AD) de origem francesa, à luz de Michel Foucault.

O *corpus* de nossa pesquisa é composto por excertos de Neil Gaiman, histórias em quadrinhos do “Thor”, Stan Lee, Michel Foucault, a saber: *Mitologia Nórdica* (2016); *Thor, o poderoso! E os Homens de Pedra de Saturno* (1962); *O poderoso Thor VS o Executor* (1962); *Arqueologia do Saber* (2017), tendo em vista o objetivo de compreender os efeitos de sentido de humanização de um deus nórdico por

meio da memória discursiva na materialidade das HQs.

O corpus foi selecionado considerando os elementos clássicos das narrativas do personagem, observados nas HQs, e aqueles que revelam a singularidade artística da obra do roteirista Stan Lee. Investigamos e discutimos os efeitos de sentido que atravessam a materialidade discursiva, considerando as noções de memória e posição do sujeito. Para alcançar esse objetivo, inicialmente, estudamos a função enunciativa e o enunciado na materialidade discursiva dos enunciados, a fim de apreender uma regularidade no funcionamento discursivo das HQs.

Em seguida, refletimos sobre o posicionamento do sujeito através de seu discurso. Assim, fomos guiados

pelas seguintes questões: a) quais são os deslocamentos teórico-metodológicos necessários para analisar o funcionamento discursivo das histórias em quadrinhos; b) descrever e interpretar materialidades verbo-visuais (HQs) a fim de compreender os discursos sobre Thor; c) verificar se há rupturas e mudanças na maneira de enunciar a subjetividade de Thor; d) como a materialidade discursiva do corpus HQ selecionado faz retornar discursos da mitologia nórdica e produz sentidos.

A pesquisa dos planos e sequências indica o lugar específico do sujeito transgressor como aquele que faz emergir discursos sobre a mitologia nórdica, monstruosidade e as práticas transgressoras à ordem da moral. Para Foucault (2013, p. 104) o enunciado não é uma unidade do mesmo gênero da frase, proposição ou ato da linguagem; não se apoia nos mesmos critérios; mas não é tampouco uma unidade como um objeto material poderia ser, tendo seus limites e sua independência.

1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE THOR

1.1 Thor nas histórias em quadrinhos

Existem duas versões sobre a criação do herói. O desenhista Jack Kirby alegou que ele criou sozinho o perso-

nagem. Teria baseado seu visual em um dos vikings do “Príncipe Valente”. Mas, de acordo com Stan Lee, a ideia era criar um super-herói da mitologia nórdica, um deus, Thor. Lee queria um personagem no mundo Marvel que fosse metade humano e metade deus, um herói que pudesse viver junto aos humanos e combater os crimes de Nova York e que fosse tão forte a ponto de derrotar o poderoso Hulk e as possíveis ameaças de alienígenas.

Para a criação da HQ, Lee incumbiu o roteiro a Larry Lieber e os desenhos a Jack Kirby. A HQ de estreia foi lançada em agosto de 1962, pela revista *Journey Into Mystery*, edição 83, nos Estados Unidos. Em sua primeira edição, Thor era conhecido como Thor Odinson (filho de Odin), e na terra era conhecido como Dr. Donald Blake. Desde a sua criação o personagem cativou grande número de leitores, já que essa era a proposta de Lee, criar um personagem “semideus”.

Em sua primeira HQ, o deus do trovão surge na figura do pacato médico Dr. Donald Blake, vencedor de vários prêmios Nobel, que possui uma deficiência na perna e reside em Nova York. Donald gostava de ajudar os necessitados e, em um determinado dia, toma a decisão de ir para a Noruega.

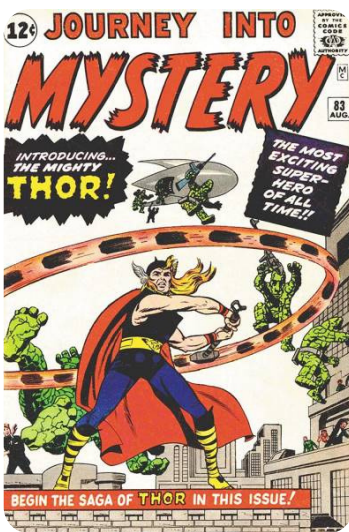


Figura 1¹: Primeira HQ do Deus do trovão, Thor

A cidade começa a receber um ataque alienígena após a sua chegada, e Blake, com medo do ataque, procura um esconderijo. Sem que ele soubesse encontra uma caverna, cujo local foi onde nascera. Ao chegar à caverna, ele se depara com um cajado. Curioso, Donald chega perto dele, empunha-o em suas mãos e uma forte intuição o faz bater o objeto em uma rocha.

Com este feito, o cajado se transforma em seu martelo: o Mjölnir. A terra treme, raios saem por toda parte, e aquele médico manco se transforma no poderoso Thor, o deus do trovão. Nesse momento, quando retoma sua verdadeira forma, ele se lembra de quem realmente é. Sai da caverna com toda a sua força e derrota o ataque alienígena. Para reverter o processo, tudo que Thor precisa fazer é bater o martelo ao chão. Assim, ele assume novamente o

corpo mortal do Doutor Donald Blake.



Figura 2²: Dr. Donald Blake se torna Thor.

Não foi por acaso que o Dr Don, assim chamado pelos mais próximos, foi passar as férias na Noruega. Na verdade, ele recebe um estímulo subconsciente. Trata-se do poder de intuição de Odin, que tenta ensinar ao filho que ele precisa ser menos arrogante e orgulhoso.

Em Asgard, Thor quebra um tratado de paz que seu pai havia feito com os gigantes do gelo, e quase inicia uma guerra. Odin decide castigá-lo e o envia à Terra para viver junto aos humanos, em um corpo debilitado, para que possa aprender a ser melhor. Mas, quando a Terra sofre ameaça, Odin vê que é hora de fazer o Dr. Donald se lembrar de quem ele realmente é.

A primeira edição da HQ do personagem Thor foi lançada pela re-

vista *Journey Into Mystery*, com a finalidade de contar histórias de um semideus. A revista já estava em circulação há seis anos, quando lançaram as aventuras do poderoso Thor. Lee não esperava que este personagem fosse tão aceito pelos leitores. A empatia foi grande e com o passar dos anos começam a aparecer nas histórias outros personagens da mitologia Nórdica, como Loki, o meio irmão de Thor, seu archi-inimigo.

Após essa batalha na Noruega, Thor assume a forma mortal do Dr. Donald Blake e retorna para seu consultório particular em Nova York, tendo como braço direito a hábil e prestativa enfermeira Jane Foster. Os dois se apaixonam, mas Foster não sabe que o Dr. Blake tem outra identidade.

Thor passa a ter uma vida tumultuada, assumindo dupla personalidade, pois sempre tem que defender a Terra das ameaças alienígenas e lutar contra os planos ardilosos de Loki. Apesar do amor sincero entre Blake e Foster, Odin fica insatisfeito com o romance e não aceita que seu filho namore uma mortal, afinal, ele é Thor, filho de Odin. Por isso, o herói retorna a Asgard a mando de seu pai.

Nos anos seguintes, as HQs do poderoso deus Asgardiano começam a circular com suas próprias aventuras.

O personagem não está mais no corpo do médico Donald Blake. Nessa fase, Thor passa a proteger Asgard e também a Terra, pois sua mãe era a deusa Gaia (deusa da Terra).

Em todas as suas batalhas, Thor usa seu martelo, o Mjöltnir, que fora fabricado pelos anões de Asgard, a pedido de Odin. Forjado com o metal "uru" (nome fictício), o martelo foi desenvolvido especialmente para Thor. Apenas ele era digno de empunhá-lo. Thor podia voar com seu martelo e era capaz de causar grandes tempestades.

Thor tem muitos aliados, tais como: Lady Sif; o destemido Balder; os três guerreiros - Voltagg, Frandall e Hogun; Heindall (o protetor da ponte do arco-íris); os Vingadores; Hércules - filho de Zeus; Trovejante; Bill Beta Raio e muitos outros. Entre os inimigos, destacam-se: Loki, o Destruidor; Hela; e Encantador.

No Brasil, as primeiras aparições das HQs da Marvel foram publicadas pela editora Ebal (Editora Brasil-América) e distribuídas pelos postos de gasolina Shell, uma companhia multinacional de combustíveis, subsidiária dos Estados Unidos. Em 1967, "O clube Marvel Super Heróis" chegou pela TV Bandeirantes (São Paulo), pela TV Globo (Guanabara-RJ), pela TV Gaúcha (Porto Alegre) e TV Jornal do Comércio (Recife). A

transmissão circulava com o título “Super-Heróis Shell”, pois eram patrocinados pelos postos de gasolina (Super Heróis – BR).

A editora Ebal obteve os direitos dos personagens da Marvel e fez uma parceria com os postos de gasolina Shell, lançando edições especiais para vendas. Em 1979, a editora Abril deu início à distribuição de gibis, com o tema Heróis da TV. Já na década de 2000, a editora Panini Comics se torna responsável pelos direitos dos Heróis do mundo Marvel, e até hoje faz a distribuição dessas revistas, porém, agora no formato de HQ.



Figura 3³: Gibi do Asgardiano Thor, distribuída pela editora Ebal

2 ENUNCIADO E FUNÇÃO ENUNCIATIVA EM FOUCAULT

2.1 O que é enunciado?

No livro *A Arqueologia do Saber*, no terceiro capítulo, “O enunciado e o Arquivo”, Foucault (2012, p. 94 [1969]) define como compreende o enunciado e a função enunciativa. Neste tema, o autor explica que todo enunciado retoma outro, seja para repeti-lo, seja para refutá-lo, seja para transformá-lo.

Todavia, por algum tempo e por uma questão de método, compreendia-se a função enunciativa de acordo com as unidades tradicionais do livro e da obra e, também, segundo as leis de construção do discurso (com a organização formal que daí resulta), ou a situação do sujeito falante. Para explicar a produção dos discursos, materializados em enunciados, Foucault assevera “que não mais se relacione o discurso ao solo inicial de uma experiência, nem à instância a priori de um conhecimento; mas que nele mesmo o interroguemos sobre as regras de sua formação” (FOUCAULT, *Idem* p. 89).

Em Foucault, a noção de enunciado não se identifica necessariamente com uma frase ou uma proposição. O enunciado é qualquer série de signos, figuras, grafismos, traços. Está num

nível mais profundo das regras gramaticais ou lógicas. Desse modo, o enunciado tem a ver com a função exercida por materialidades, e é sua existência que abre possibilidades para a formação das frases e das proposições.

Nas palavras do autor, “com uma definição tão vasta – e, em um sentido, tão laxista – da frase, não se vê como reconhecer frases que não sejam enunciados, ou enunciados que não sejam frases” (*Idem*, p. 92). Ao mesmo tempo, o teórico coloca o enunciado num campo de relação com outros domínios, outros objetos e outros enunciados.

O enunciado é uma forma de existência. Não se tem, portanto, um enunciado com um único sentido. Tampouco enunciados que sejam exclusivamente frases, como, por exemplo: “um quadro classificatório das espécies botânicas é constituído de enunciados, não de frases (*Genera plantarum*, de Lineu, é um livro inteiramente constituído de enunciados, em que não podemos reconhecer mais que um número restrito de frases)” (*Idem*, p. 93).

Para explicar sua concepção de enunciado, Foucault sentencia que podemos ter dois enunciados diferentes em uma mesma proposição. Esclarece que, sob as próprias possibilidades de utilização e mesmo

conjunto de leis de construção, dois enunciados diferentes são “indiscerníveis do ponto de vista lógico” (*Idem*, p. 91). Exemplos são os enunciados “Ninguém ouviu” e “é verdade que ninguém ouviu”, que são indiscerníveis do ponto de vista lógico – dizem o mesmo evento – e não podem ser consideradas como duas proposições diferentes. Apesar disso, apresentam uma modalização, uma produção de sentidos de acordo com a posição do sujeito que os enuncia. Segundo o autor, “enquanto enunciados, estas duas formulações não são equivalentes nem intercambiáveis” (*Idem*).

Os dois enunciados têm o mesmo significado, porém, com pontos de vista diferentes. O que os altera é a gramática. A forma como foi escrito o enunciado “é verdade que ninguém ouviu” só pode estar em um jogo que cria um monólogo interior. Logo, “não parece possível, assim, definir um enunciado pelos caracteres gramaticais da frase” (*Idem*, p. 93).

“Não acredito que a condição necessária e suficiente para que haja enunciado seja a presença de uma estrutura proposicional definida, e que se possa falar de enunciado todas as vezes em que houver proposição e apenas neste caso. Pode-se, na verdade, ter dois enunciados perfeitamente distintos que se referem

a grupamentos discursivos bem diferentes, onde não se encontra mais que uma proposição, suscetível de um único e mesmo valor, obedecendo a um único e mesmo conjunto de leis de construção e admitindo as mesmas possibilidades de utilização (Idem, p. 91)."

Assim, o enunciado não é necessariamente uma frase, mas pode ser definido como uma frase. Entretanto, a estrutura linguística das frases pede certa rigidez que alguns enunciados não têm. Como exemplo, podemos citar a gramática latina. Segundo Foucault, "Quando encontramos em uma gramática latina uma série de palavras dispostas em coluna - *amo, amas, amat* -, não lidamos com uma frase, mas com o enunciado das diferentes flexões pessoais do indicativo presente do verbo *amare*" (Idem, p. 92).

Quando olhamos para um teclado com as letras QWERT, vemos cinco letras, e não uma frase. Ao mesmo tempo, quando as vemos em um manual de datilografia, estas letras passam a ser um enunciado da sequência de letras de um teclado. Com isso, "o teclado de uma máquina de escrever não é um enunciado; mas a mesma série de letras - *A, Z, E, R, T* -, enumerada em um manual de datilografia, é o enunciado da ordem alfabética adotada pelas máquinas

francesas" (Idem, p. 97).

O autor cita como exemplos de enunciados uma árvore genealógica, um livro contábil e as estimativas de um balanço comercial. Todos são enunciados, porém o leitor pode perguntar: onde estão as frases? Outro exemplo que demonstra a posição de Foucault acerca do enunciado pode ser observado em "uma equação de enésimo grau ou a fórmula algébrica da lei da refração [que] devem ser consideradas como enunciados" (Idem, p. 96), pois são compostos de símbolos, cujo sentido é definido pelas regras de uso e pelas leis de construção. Não funcionam, portanto, "os mesmos critérios que permitem, em uma língua natural, definir uma frase aceitável ou interpretável" (Idem, p. 96).

De acordo com Foucault, o enunciado tampouco se define como ato de fala. O ato de fala não se restringe ao ato material da fala, da escrita. O ato de fala não é nada antes ou depois do enunciado, mas aquilo que se determina através da própria enunciação de um enunciado em particular: Para o teórico, "Será preciso finalmente admitir que o enunciado não possa ter caráter próprio e que não é suscetível de definição adequada, na medida em que é, para todas as análises da linguagem, a matéria extrínseca a

partir da qual elas determinaram seu objeto” (*Idem*, p. 95).

NOTAS

1) Imagem disponível em: <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/thor-\(thor-odinson-\(donald-blake-jake-olson\)\)/14](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/thor-(thor-odinson-(donald-blake-jake-olson))/14)>. Acesso em 16 de fevereiro de 2020.

2) Imagem disponível em: <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/thor-\(thor-odinson-\(donald-blake-jake-olson\)\)/14](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/thor-(thor-odinson-(donald-blake-jake-olson))/14)>. Acesso em 16 de fevereiro de 2021.

3) Imagem disponível em: [http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/poderoso-thor-o-\(album-gigante\)-4-serie-n-0/th00101/21511](http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao/poderoso-thor-o-(album-gigante)-4-serie-n-0/th00101/21511) Acesso em 16 de fevereiro de 2020.

REFERÊNCIAS

- CALLARI, A. Sabia que as histórias em quadrinhos passaram por 30 anos censuradas? Disponível em: <<http://conhecimentoliteratura.com.br/sabia-que-as-historias-em-quadrinhos-passaram-30-anos-censuradas/>>. Acesso em 20 de outubro de 2018.
- CHINEN, N. Reinterpretando Wertham. Influência de Seduction of the innocent nos estudos de quadrinhos no Brasil. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais2asjornadas/anais/10-ARTIGO-NOBU-CHINEN-HQ-E-HISTORIA.pdf>>. Acesso em 01 de Março de 2018.
- CHINEN, N. Seduction of the innocent. Disponível em: <<http://www.universohq.com/reviews/seduction-innocent/>>. Acesso em 01 de Março de 2018.
- CRONOLOGIA, Completa da Marvel. A relação mais completa da internet brasileira das publicações de quadrinhos. Disponível em: <<http://indicemarvel.blogspot.com/search/label/1961>>. Acesso em 20 de outubro de 2018.
- FOUCAULT, M.. Arqueologia do Saber. 8. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.
- FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- GAIMAN, N. Mitologia Nórdica. 1. ed. Tradução de Edmundo Barreiros. Rio de Janeiro, RJ. Intrínseca. 2017.
- GOMES, N. S. Quadrinhos e transdisciplinaridades. 1.ed. Nataniel dos Santos Gomes (org). Curitiba, PR. Editora Appris Ltda. 2012.
- MORELLI, A. Super-heróis no cinema. São Paulo, SP. Europa. 2009.
- ORLANDI, E. P. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. 12. ed. Pontes Editores, Campinas, SP. 2015.
- SANTOS, J. J. Produções discursivas do horror: materialidade fílmica e memória na trilogia de Zé do Caixão. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/123253>>. Acesso em 01 de Junho de 2020.
- SOUSA, C.; GALVÃO, I. Práticas discursivas e função enunciativa na constituição do sujeito quilombola. 40. ed. Revista Moura, Estaudos.

UM BANQUETE PARA DIOTIMA

POR ADRIANA FREITAS

Há algum tempo conversamos sobre Eros e o livro filosófico de Platão, “O Banquete” (conferir edição de junho), e citamos uma personagem discreta, mas essencial para a cena que se desenrola, a saber, *Diotima de Mantinea*. Na narrativa, ela nos é apresentada pelo filósofo Sócrates, que a descreve como uma estrangeira, sacerdotisa versada em assuntos do Amor. A história sobre o nascimento de Eros, contada no Banquete, por Sócrates, como a verdadeira versão, teria sido apresentada a ele pela sacerdotisa.

São escassos os dados fornecidos ao leitor sobre Diotima, e sua figura é envolta em mistérios. Alguns a consideram uma criação de Platão. Digamos que Diotima nos é apresentada pela História como uma personagem quase mitológica.

Façamos agora um pequeno desvio necessário nesse pensamento. Para os filósofos contemporâneos Gilles Deleuze e Félix Guattari, a filosofia tem a função específica de criar conceitos, sendo como uma arte de dar concretude a ideias que estão no campo da transcendência, ou seja, que não são palpáveis ou que são metafísicas (o que está para além do mundo físico concreto). A criação de conceitos torna, segundo Deleuze e Guattari, as ideias imanentes parte de nosso mundo. O conceito seria a concretude da ideia. O filósofo seria como um artesão de ideias, um criador de conceitos. Mas, além de criar conceitos, os filósofos criariam também personagens conceituais. Um exemplo que utilizam é o próprio Sócrates, pessoa histórica que, entretanto, figura como uma personagem central nos diálogos de Platão:

[...] ao mesmo tempo que estes personagens se tornam, eles mesmos, coisa diferente do que são historicamente, mitologicamente ou comumente (o Sócrates de Platão, o Dionísio de Nietzsche, o Idiota de Cusa). O personagem conceitual é o devir ou o sujeito de uma filosofia [...]" (DELEUZE, GUATTARRI, 2010, p. 79).

Voltemos à nossa via principal, mas, que nos acompanhe a ideia de personagem conceitual, pois, apoiados nela e em um pequeno exercício de imaginação criativa ensaiemos a construção ou reconstrução da imagem de Diotima como personagem conceitual, como devir ou sujeito de uma filosofia que se une à mitologia, e vice-versa. Partimos, então, das informações que já temos dela.

Mantineia, cidade grega construída por volta de 500 a. C. pela junção de 5 vilas, na região da Arcádia, foi um dos palcos da guerra de Peloponeso (362 a. C.), atualmente pertence à região de Trípoli, capital da Líbia. Até aqui, temos duas informações importantes sobre nossa personagem: a primeira é que Sócrates conheceu

Diotima em Mantineia, e, provavelmente, ela era natural desse local, uma vez que ficou conhecida como Diotima de Mantineia. Uma vez que Sócrates serviu o exército, ela deve ter se encontrado com ele durante esse período; a segunda é que sua cidade pertence à Grécia, e, apesar de Sócrates descrever Mantineia como estrangeira, ela poderia ter cidadania grega.

Sabemos também que ela era uma mulher sábia, a ponto de Sócrates tornar-se seu aprendiz. De fato, essa é a única vez que o filósofo aparece nos diálogos nesse papel, e atentemo-nos ao fato que o método utilizado por ela é o mesmo que Sócrates usará posteriormente - interrogar quem está aprendendo com ele e forçando o outro a admitir que ignora o assunto, para somente a partir daí iniciar-se a verdadeira formação - método que ficou conhecido como Maiêutica socrática, que significa trazer o verdadeiro conhecimento à luz, como uma espécie de parto das ideias. Podemos dizer que Diotima não só o ensinou sobre o Amor, como ensinou-lhe o método que ele aprimorou e passou a utilizar. Por isso, alguns estudiosos apresen-

tam Diotima como filósofa, ideia que nos é muito cara. Sócrates nos fornece ainda mais uma informação: Diotima é uma sacerdotisa versada em assuntos do Amor. A partir desses dados, podemos pensá-la como personagem conceitual de um tema filosófico.

Como sacerdotisa versada em assuntos do Amor, imaginemos que ela servia no templo de Afrodite ou de Eros, deuses ligados às questões do amor, afeto, sexualidade, fertilidade e criatividade, alguém extremamente dedicada ao seu serviço, pois mereceu de nosso Sócrates um elogio. Já como filósofa, ela deveria destinar parte de seu tempo ao estudo e ao ensino, nos moldes dos mestres filósofos da época, uma função que não era típica das mulheres, portanto a vemos como uma mulher à frente de seu tempo.

No entanto, ao afirmar que Diotima era estrangeira, Sócrates quase que declara que ela tinha a liberdade de trazer às narrativas mitológicas tradicionais um olhar que os gregos não tinham e que não seriam capazes de ter, uma vez que todo o diálogo de “O Banquete” gira em torno de uma

pergunta central - O que é o amor? ou Quem é Eros, essa divindade que personifica o mais louvado dos sentimentos humanos? - Cada um dos convivas expõe sua forma de ver o problema, como de costume, em diálogos platônicos. Sócrates interroga os demais sobre o que estão expondo, até que admitam que ignoram o assunto, e, ao expor sua teoria, apresenta o diálogo que teve com Diotima e repete os ensinamentos por ela passados. Eros é filho de Poros (Caminho) e da Penúria (Pênia), e como tal, é desprovido de riquezas ou de Beleza, valor muito importante para os gregos na época. Acreditava-se que algo que fosse belo seria em consequência bom, numa relação estreita entre ética e estética (temas clássicos da filosofia, desde a antiguidade até hoje). Mas, Eros, o Amor, na visão platônica, é o primeiro filósofo, pois, ele busca constantemente a beleza e o conhecimento, e quem é o filósofo senão o amante da sabedoria? Esse é o Eros apresentado por Diotima, incorporado por Sócrates, fundamento do Amor platônico.

Em nossa visão, Diotima é uma figura luminosa, a ponto de encantar

Sócrates e fazê-lo sentar-se como seu aprendiz. E, mais que ouvi-la, ele bebe de suas palavras, guarda sua sabedoria e a compartilha num dia de festa. Para nós, ela é essa personagem conceitual, uma mulher dedicada, sábia, extremamente ousada e discreta a um só tempo, que aparece pouco, já no final de uma famosa obra, mas, que é decisiva, pois o Amor é um tema tradicional da filosofia socrático-platônica.

Como esse é um texto escrito por uma filósofa, e nós, filósofos e filósofas, somos assim, curiosos por natureza, terminaremos esses pensamentos com uma pergunta, que é uma provocação ao mesmo tempo: E você, como imagina Diotima?

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é Filosofia? Coleção TRANS, 3 ed. São Paulo: editora 34, 2010.
- PLATÃO, O banquete. Coleção L&PM POCKET. Vol. 711. Porto Alegre: L&M, 2008.
- Mantineia. City Information – Labeca. Disponível: <http://labeca.mae.usp.br>pt-br>city>. Acesso: 28 maio 2021.

TOPOFILIA DA MÁTRIA: MITO & ARTE NA RE- EXISTÊNCIA

POR MARCOS FERREIRA-SANTOS

*“pintar é ao mesmo tempo uma forma
de oração e um grito (...)
a obra de arte é uma busca incessante
para sermos
como os outros e de não nos
parecermos com ninguém.”
Oswaldo Guayasamin*

*Às margens do rio Sena
Me lembro do Amazonas
Da minha raça morena
Bordunas e pés de cana*

*Das procissões, das novenas
Das praias com suas dunas
Penha, Vila Madalena
Dos Paiakans, dos Jurunas*

*Lembro Xangô, Janaína
Tupã, Roraima, Itabuna*

*Dos brancos cá, Caraíbas
Paris me lembra Criciúma*

*Porto Alegre, tri Curitiba
Gurias loiras, morenas
Me lembra rio Parnaíba
Pará, Paraná, Paranapanema*

*Aqui e lá há lacunas
Mas não há lá Iracemas
Me lembro que a cobra fuma
Na França ou Ipanema*

*Remember da minha tchurma
Piquet, Fittipaldi e Sena
São Paulo, usina de Furnas
Umãpe Xe raperana
(onde será o meu caminho? - tupi)
“Banzo” / Itamar Assumpção (1949-
2003). (Figura1)*

O fenômeno da topofilia como “paixão pela terra”, laço de pertencimento ao lugar, como descrevem nos anos 70, Yu-Fu Tuan (1930, geógrafo chinês radicado nos EUA) e, bem antes dele, Gaston Bachelard (1884-1962), em “A poética do Espaço” (1958), ao examinar as imagens simples do espaço feliz, espaços amados que, ao contrário do espaço indiferente do geômetra sequestrado pela medida, pela reflexão e pela produtividade, é antes de tudo o espaço vivido e, por isso mesmo, imaginado.

Vivência, imaginação e amor: uma tríade que perpassa o território que se converte em paisagem e, logo em seguida, em pertencimento. Portanto, aqui privilegiamos muito mais o “lugar” do que o “espaço”. A diferença estaria no fator vivencial e convivial que transforma o espaço físico em lugar habitado, imaginado e amado. No entanto, não devemos nos iludir também com uma certa “romantização” ufanista dos nacionalismos fundamentalistas, hoje ainda mais arraigados no cotidiano totalitário daqueles que, sem alma, negligenciam a arte. Este é o lugar fácil das ilusões que se deixam levar pelos discursos político-partidários comuns à “pátria” (*locus patriarcal*, por excelência, domínio do Estado).

*você não precisa de artistas?
 então me devolve os momentos bons
 os versos roubados de nós
 as cores do seu caminho
 arranca o rádio do seu carro
 destrói a caixa de som
 joga fora os instrumentos
 e todos aqueles quadros
 deixe as paredes em branco
 assim como a sua cabeça
 seu céu de cimento
 silêncio cheio de ódio
 armas pra dormir
 nenhuma canção pra ninar
 e suas crianças em guarda
 esperando a hora incerta
 pra mandar ou receber rajadas
 você não precisa de artistas?
 então fecha os olhos, mora no breu
 esquece o que a arte te deu
 finge que não te deu nada
 nem um som, nem uma cor
 nem uma flor na sua blusa
 nem van gogh, nem tom jobim
 nem gonzaga, nem diadorim
 você vai rimar com números
 vai dormir com raiva
 e acordar sem sonhos, sem nada
 e esse vazio no seu peito
 não tem refrão pra dar jeito
 não tem balé pra bailar
 você não precisa de artistas?
 então nos perca de vista
 nos deixe de fora*

*desse seu mundo perverso
sem graça, sem alma*

“vida em branco” - zélia duncan, 2020

Zélia Duncan consegue fazer um retrato poético daqueles sem alma ou *ânima*, em tempos sombrios, aos quais é impossível acessar os sentimentos, o *sensus*, da reciprocidade e reversibilidade de todos os sentidos humanos: visão, audição, olfato, paladar, tato, intuição e cinestesia. Cada sentido corporal dos dá uma estrutura de ser possível e o seu exercício nos coloca, de imediato, a rede complexa dos sentidos corporais à qual o ser responde com uma consciência ampliada, um sentido, uma significância, um valor; ou ainda, para ser mais exato: sentidos, significâncias e valores morais e éticos múltiplos. Mas, lembrando, *Maurice Merleau-Ponty* (1908-1961): qualquer consciência vem sempre a reboque da percepção.

Por isso, precisamente, ele chega em suas investigações ao primado da percepção no que ele chamaria de o “ser pré-reflexivo” ou “selvagem”, no sentido de que ainda não foi “conformado” por nenhum esquema educacional ou civilizatório. É nesta região selvagem, em que os sentidos

corporais se conversam, se exercitam, ampliam e verticalizam a consciência.

Daí o fato de as nove *musas* (Μοῦσα), ou seja, as artes:

Calíope (a da bela voz), a arte da eloquência;

Clio (a que confere fama), a arte da História;

Érato (a que desperta desejo), a arte do verso erótico;

Euterpe (a que dá júbilo), a arte da poesia lírica e tinha por símbolo a flauta

Melpômene (a cantora), a arte da tragédia e do teatro

Polímnia (a de muitos hinos), arte dos hinos sagrados e da narração de histórias

Tália (a festiva), arte da comédia

Terpsícore (a que adora dançar), arte da dança e do canto coral

Urânia (celeste), arte da astronomia

Lembremos que o próprio filósofo *Platão* (428-348 a.C.) considerou a filósofa e poeta *Sappho de Lesbos* (650-580 a. C.) como a décima musa, tamanha a importância de *Sappho* no universo grego e na história do ocidente.

Todas são filhas de *Mnemósine*: a memória. Todas as artes nos servem para não esquecer, para lembrar aquilo que foi enterrado, para refrescar a lembrança de quem somos e de nossa pertença. Por isso, todo autoritarismo, todo fascismo, todo regime opressor não apenas negligencia a arte, como a persegue e a quer fazer calar.

Pensemos no entorno natural da primeira grande mãe: a mãe-terra. Progenitora da vida e do sustento, aquela que nos guarda os pés e a caminhada. Aqui nos referimos à “*mátria*”. É este entorno natural, paisagem que conforma a cultura e a converte em “*paisagem cultural*”, na medida em que os gestos e os coletivos materializam o substrato vivo: são as cores, os cantos, os sons, os cheiros e sabores que permeiam o desenho do lugar. A arte é a expressão máxima desta simbiose, ritual e mítica. Já não há como desvincular a paisagem da cultura e das pessoas: ambas estão entrelaçadas na teia complexa em que não é mais possível separar, aristotelicamente, natureza e cultura. As narrativas míticas ancestrais já nos demonstraram à exaustão este liame indissociável e que o espírito ociden-

tal cartesiano patologicamente ainda teima em separar. Um espaço crepuscular de concomitância momentânea de dia e noite, de sol e lua, de início e término de jornada, num exercício de *coincidentia oppositorum* (coincidência dos contrários), de uma outra lógica hermesiana, alquimista, ou ainda da energia ou das *estruturas dissipativas* como nos ensina o físico franco-romeno *Stephan Lupasco* (1900-1988) e o físico russo *Ilya Prigogine* (1917-2003).

O espaço crepuscular é um espaço-tempo do entremeio, da trajetividade, do pervagar entre os pólos distantes de uma jornada, a caminhar. Tempo de percurso e espaço que se abre sob o caminhar do peregrino que, como o poeta espanhol, *Antonio Machado* (1875-1939), diz ao caminhante que não há caminho: se faz caminho ao andar... *golpe a golpe, verso a verso*... Não se trata apenas do heroísmo do furor combativo e da vigília eterna, nem tampouco apenas da poeticidade criativa *ex nihilo* (se é que ela é possível).

O caminho que se abre necessita dos golpes dos pés e da matéria da estrada para amalgamar suas imagens poéticas. Assim como a criança, o

poeta é um materialista nato.

Sem esta matéria, não se sonha e sem o sonho não se busca caminho nem se abrem veredas no sertão.

Em seu *Fragmentos de um discurso amoroso*, Roland Barthes (1915-1980) diria da essência do ser que ama: “aquele que espera”. Uma presença que espera.

No entanto, esta espera não se traduz na espera passiva de quem dormita na vida. Todo ao contrário, se trata da espera ativa, duradoura, do próprio Ser. De uma *ek-sistência*, decompondo o termo “*existência*”, como nos sugere a lição heideggeriana: consistência vivida que nos arremessa para fora, ao mundo concreto, ao Outro. Numa palavra: *jactância*. Jorro vívido de uma existência, a um só tempo, que escorre e dura; ocupa um espaço e um tempo crepusculares, tal como a chama da vela que escorre para o alto, provérbio árabe utilizado por Villiers de l’Isle-Adam e utilizado por Bachelard (1989, p.62) já que “*a labareda não ilumina sua base*”.

Mas, ainda aqui, o mestre camponês da aurora (nascido em Bar-Sur-Aube, Champagne), Bachelard, nos sugere em seu derradeiro livro de um fazedor de livros, *A Chama de uma Vela*:

“comunhão do tempo de anima com o tempo de animus. Gostaria de sonhar com o tempo, na duração que escorre e na duração que voa, se eu pudesse reunir em meu cubículo imaginário a vela e a ampulheta”

(Bachelard, 1989, p. 30)

Sugere ele que fiquemos mais com a fantasia das imagens da intimidade (em *anima*) do que na inteligência dos sonhos estudados (em *animus*).

De qualquer forma, que tentemos a comunhão destes tempos, vertiginosamente, sonhados no escorrer da ampulheta e no voar da chama da vela. Isomorfos, a ampulheta e a vela, segredam um universo. O tempo da espera se converte em espaço de transformação e o Ser se descortina: é o despertar do Ser no devaneio morno da consciência... no claro-escuro que permite o trânsito, o trafegar entre as dimensões do que era, do que é e do que virá a ser, *golpe a golpe, verso a verso*. O que o Ser espera é o seu próprio despertar em algum momento e espaço entre as penumbras da memória e as silhuetas do devir, na escorrência do tempo-espaço crepuscular onde o panorama, ainda seguindo o velho mestre, não sugere um panorama, mas uma ação.

É aqui que a ação de despertar o próprio Ser assume o valor mítico da abertura a uma dimensão que nunca mais se fechará, se revela iniciação pelos mitos fundadores:

"Mas, no cubículo de um sonhador os objetos familiares tornam-se mitos do universo. A vela que se apaga é um sol que morre. A vela morre mesmo mais suavemente que o astro celeste. O pavio se curva e escurece. A chama tomou, na escuridão que a encerra, seu ópio. E a chama morre bem: ela morre adormecendo. Todo sonhador de vela, todo sonhador de pequenas chamas sabe disso. Tudo é dramático na vida das coisas e do universo."

(Bachelard, 1989, pp. 30-31)

Morrer adormecendo é o destino mesmo da vela e da ampulheta. A primeira curvando-se no pavio que escurece. A segunda, ao esgotar seu escorrer pelas paredes curvas do vidro. O espaço curvo se soma ao curvo pensar do tempo curvo e se revela *foice*, nascimento do Zeus olímpico que sobrevive ao *Chronos* devorador dos filhos (ouvindo sua esposa-irmã, *Hera*, isto é, sua alma) e é servido pelo ferreiro divino, *Hefaísto* (o fogo-úmido), que reina nas forjas rubro-alaranjadas deste espaço crepuscular.

E ambos, *Zeus e Hefaísto*, participam do destino feminino do devir: o primeiro pai por partenogênese e o segundo, apaixonado admirador de *Palas Athena*, a deusa dos olhos glaucos: aquela que tem os olhos como os da coruja e, assim, enxerga na escuridão da noite. Além da beleza do olhar possui a capacidade de ver muito além do que é visível, portadora da luz âmbar das ânforas de azeite e das lágrimas da resina das velhas oliveiras, mães primeiras: anima mundi dos religadores, *Sophia* dos filósofos, Grande Mãe dos agropastoris. Por isso, "tudo é dramático na vida e das coisas e do universo" para um sonhador de pequenas chamas. No universo desta pequena chama, a condensação do crepúsculo do mundo... crepitar dos passos nas sandálias do caminhante.

A grande mãe na cordilheira andina, em sua altitude imperial de pedras e ventos, nos terraços de milho, corpo e hálito de *Pachamama*, se plasman nas mãos vigorosas do traço de *Oswaldo Guayasamin* (1909-1999), pintor quíchua equatoriano. O grito e o silêncio, o terror e a dor, a paixão e a entrega nas cores telúricas devotadas ao povo. (*Figura 2*)

Desta mesma sonoridade altiplânica, *Jatari!!* (“levanta-te!”, em quíchua), grupo equatoriano emblemático do movimento da “*Nueva Canción*”, que articula a pesquisa folklórica com a temática político-social.

Ou ainda a múltipla artista chilena, folklorista, artista plástica, compositora, *Violeta Parra* (1917-1967), e suas recopilações fundamentais dos cantares e bailares campesinos chilenos e mapuches, sempre articulando-os com questões político-sociais e existenciais, numa filosofia ameríndia ancestral e penetrante. (*Figura 3*)

Neste sentido, a arte se revela como forma de “*re-existência*”, ou seja, resistência não como eliminação do Outro diverso, mas como reafirmação dos traços constitutivos do processo identitário da pessoa afroameríndia, em sua existência cotidiana, paradoxal, contraditória (humana), sobretudo, dos traços ancestrais. Assim sendo, a *re-existência*, reafirma a grandeza das características herdadas do grupo cultural (tanto pelo vetor biológico quanto pelo vetor iniciático), primando por sua dignidade e altivez, com o mesmo status epistemológico, axiológico e existencial que a cultura

ocidental etnocêntrica. Desta forma, ao contrário do predomínio etnocêntrico que caracteriza o modo ocidental, a re-existência afroameríndia favorece o contato, o diálogo e a troca interculturais, irmanados pela mesma matéria.

Se pensarmos nas serranias, no corpo verde das sierras, o pintor boliviano *Mário Céspedes* (1940-) consegue reafirmar em seus traços a profundidade das cerâmicas-corpo em matizes telúricos que jamais esquecem sua materialidade. (*Figura 4*)

Sua sonoridade se pode escutar nas obras de *Inti-Illimani* (1968-), grupo chileno precursor da *Nueva Canción Chilena* já com 50 anos de atividade. O mesmo se poderia dizer das forças do mar em sua simbiose com o pescador, a vila de pescadores e o amor que se divide entre quem fica à espera e aquela yemanjá que abraça o corpo do pescador. Quem mais poderia dizer destas forças, senão nosso velho *Dorival Caymmi* (1914-2008)?

Caymmi foi um mestre na fidelidade mítica de suas criações em suas duas facetas complementares: tanto em suas telas sonoras como em sua música pictórica. (*Figura 5*)

Ouvir as canções de Caymmi equiva-

le à fruição de uma tela que reconstitui a narrativa mítica em sua duração. É doce morrer no mar ou ainda na suíte dos jangadores.

Ao contemplar sua obra pictórica ouvimos a paisagem sonora de suas pinceladas em ânima.

Do mesmo nordeste e litoral, desta feita, recifense, a cerâmica ancestral e o traço feminino no desenho da estatura de um artista plástico como *Francisco Brennand* (1927-2019) explicitando toda a dimensão simbólica que reveste a mão em seu trabalho com o corpo da terra-mãe, seu barro, matéria-prima que o oleiro/ferreiro utiliza para dar vida às suas criações, usando o forno como útero emprestado.

Ferreiro das argilas e dos processos de esmaltação, apaixonado tal *Hefaísto-Vulcano* por *Palas Athena*. *(Figura 6)*

Em sua oficina, sítio e agora museu, é possível ver as marcas de sua gigantesca bigorna nos jardins, as séries atenaicas e sua assinatura com o ofá de *Oxóssi* yorubá.

Estivemos junto em 2009, numa empreitada para a utilização da cerâmica e argila na formação de professores de Recife tendo a leitura mítica das obras como ampliador de significâncias para além do meramen-

te “didático” e exercitar o vórtice do processo criativo.

Ao sul deste continente, na república sem fronteiras da pampa, céu às avessas, o canto forte mesclado de negro e índio, de coração milongueiro e galopes com fome de horizonte na seara guaranítica dos sonhos enterrados (mas não mortos) de uma república guarani, a voz grave de um *João de Almeida Neto*, em “vozes rurais” (1983, 1.o musicanto, Santa Rosa/RS), por exemplo:

*Dê-lhe boca essas bocas cantoras
Redentora da voz dos galpões
Dê-lhe pata e desata este brado
Dos sagrados rituais dos fogões*

E que se articula com o traço matrial do artista plástico *Madu Lopes*, de Pelotas/RS, ou a noturna, *Satolep* (palíndromo de pelotas), do compositor pelotense, *Vitor Ramil*, com sua inesquecível “estética do frio” arraigada nos tipos míticos da pampa num diálogo profundo com padrões sonoros e míticos universais. *(Figura 7)*

Essencial para quem acha que o Brasil é apenas carnaval, futebol e samba ao sol tropical.

O sertão em seus emaranhados lusitanos e ibéricos de um canto medieval que se atualiza nos cegos cantadores, nos gibões dos vaqueiros,

nos aboios e puluxias, tiranas e malungos parceiros na voz do grande menestrel, *Elomar Figueira de Melo* (1937-), de Vitória da Conquista/BA, escritor, compositor de óperas e árias sertânicas. *(Figura 8)*

Ele evidencia em sua grande obra a raiz mítica e mourisca medieval dos cantares *sertanezes*, que por sua vez, se materializa na matriz das xilogravuras de cordel de *José Francisco Borges* (1935-): tradução imagética da ética armorial de um saudoso *Ariano Suassuna* (1927-2014), sempre dialogar com as mais autênticas expressões da cultura popular, aliadas a uma construção erudita, ética, e sem perder-se nos colonialismos.

A floresta e a selva ganham contornos e consistência na poesia das encantarias de *João de Jesus Paes Loureiro* (1939-), poeta e professor da UFPA, em suas investigações em estética, semiótica e em sua poética do imaginário amazônico das águas e matas:

*As encantarias que somos,
onde deuses habitam
na poesia
existem submersas
na alma
e na palavra*

de quem olha o rio.

*A encantaria no fundo do rio
é o sonho do olhar.*

Para Paes Loureiro, em sintonia com esta materialidade dos lugares amados e vividos, há encantarias no rio da linguagem que se consubstanciam no mito e na poesia. Mas, ela não está à disposição dos perscrutadores munidos de mecanismos de dissecação, métricas, balanças e ressonâncias magnéticas. Cético, positivista até o último fio de cabelo, esse não vai capturar a alma da encantaria. Há que ser *“um pouco tresloucado para entender o que é o sertão profundo”*, diria o outro mestre, Elomar.

Ainda sobre a cidade de Belém, o poeta *João de Jesus Paes Loureiro* tece um dos mais belos versos topofílicos nestes geo-símbolos que se fundem na alma vivente no colo das “redes de mangueiras” que se alongam pelas ruas:

*“o amor aqui, plural, é uma cidade (...)
a cidade é do rio nessa janela
por onde o rio é seu
boto que sobe
pelas tranças pendidas de uma estrela
belém: na tua rede de mangueiras
na verde solidão das altas horas
o rio te põe no colo*

*e te acalenta
o rio te põe no colo
e te apascenta
o rio te põe no colo
e te deflora”*

“canção para belém” / João de Jesus Paes Loureiro, 1998. (Figura 9)

As mesmas encantarias amazônicas que, do outro lado na vertente peruana, perpassam as visões *shamânicas* nas telas do peruano *Pablo Amaringo*, profundo conhecedor de *ayahuasca* e que as transporta para a tela em multicores e multissobreposições de níveis de realidade dos entrelaçamentos entre a vivência palpitante da vida das árvores, animais, pássaros, rochas, rios e lagos; e a pessoa que se re-*aproxima* ao pulso da existência sem nenhum outro desejo além da possível experiência de uma comunhão original com estes multiversos paralelos. Ou ainda a *leseira baré* nas canções ribeirinhas dos também paraenses *Ruy Barata* (1920-1990), com seu filho, *Paulo André Barata*:

*uma cantiga de amor se mexeu
uma tapuia no porto a cantar
um pedacinho de lua nascendo
uma cachaça de papo pro ar
um não sei quê de saudade doente*

*uma saudade sem tempo ou lugar
uma saudade querendo, querendo
querendo ir e querendo ficar*

*uma leira, uma esteira
uma beira de rio
um cavalo no pasto
uma égua no cio
um princípio de noite
um caminho vazio
uma leira, uma esteira
uma beira de rio*

*e, no silêncio, uma folha caída
uma batida de remo a passar
um candeeiro de manga comprida
um cheiro bom de peixada no ar
uma pimenta no prato espremida
outra lambada depois do jantar
uma viola de corda curtida
nessa sofrida sofrência de amar
pauapixana
(Paulo André Barata & Rui Barata),
1978*

No entanto, a topofilia para além destas vertentes de seu movimento e vontade, em sua euforia, em sua *philia* apaixonante; lembrando novamente as lições de *Gaston Bachelard* ao investigar os moventes da imaginação – e, portanto, no interior da *mitopoiésis*; isto é: o pro-

cesso de autocriação das narrativas ao se tentar dar uma estrutura oral à arquitetura móvel das imagens arquêmicas (ou ancestrais) que, a partir dos gestos corporais, vão se constituindo em *esquemas corporais* ao longo da história das espécies humanas, e imediatamente, vão se acoplando a outras novas imagens em enxames, constelações, fractais de imagens em puro movimento.

Para se tentar compartilhar a experiência a uma outra pessoa temos que organizar o movimento múltiplo e vertiginoso das imagens em sequências orais (o mito propriamente dito) que possam ser compreendidas, ao menos, em seu fluxo numa narrativa. Os sentidos e significados da narrativa mítica, como adverte Gilbert Durand, vão depender do “*momento mítico de leitura*” da pessoa que tem a experiência do mito (e não necessariamente apenas a “*leitura*” escrita). Daí a importância da tradição oral e daqueles contadores de *estórias* e *histórias*: aqueles das histórias com o “h” das horas que nos devoram, como aqueles das estórias com “e” da eternidade que nos imortaliza, segundo a investigadora e contadora Fabiana Rubira.

Entre estes moventes da imaginação,

além do vetor do movimento e vontade, também temos o outro vetor do repouso, da disforia, da estagnação, e de certo modo, o contrário da *philia* (paixão ou amizade) que é *neikós*: a disputa, o desacordo, as ofensas; sendo ele um dos filhos de *Éris*, a discórdia. (*Figura 10*)

Portanto, a topofilia pode também manifestar-se no sentido contrário à paixão pelo lugar que, pelas experiências malélicas, se convertem em ódio ao lugar.

Quando a virtude do lugar amado se degenera, se converte, prontamente, em violência. Ambas palavras têm o mesmo radical: “*vis*” (força). Se a força da atitude se enfraquece, degrading em violência física, material ou simbólica. Assim respondem as almas com pichações, vandalismo, e atos violentos em turbas anônimas que liberam toda a força da *destrudo*, que é a pulsão de morte transformada em puro *neikós* da destruição, da eliminação, física ou simbólica, do outro. Assim respondem estas pessoas aos ataques da própria cidade: preconceito e exclusão sociais, racismo, violência de gênero, prostituição, narcotráfico, corrupção e todas as demais sequelas

do capitalismo e da ética judaico-cristã-protestante que o acompanha e o sustenta, como já identificava claramente o sociólogo alemão *Max Weber* (1864 -1920) em sua clássica investigação: “*A ética protestante e o espírito do capitalismo*” de 1905, que redunda no *Entzauberung (der Welt)*, qual seja, o “*desencantamento do mundo*” frente ao nível de racionalização técnica, burocratização, intelectualização e sobreposição da lógica capitalista sobre a própria existência.

Desta ocupação espaço-temporal, o fluxo vital da cidade nas circulações dos desejos e dos medos se espalha pelo seu sistema sanguíneo arterial: as ruas, as vielas e becos. As artérias “*descem*”, libidinalmente, circulando os desejos, mas, sobretudo, os becos nos deixam perceber, de maneira intensa, o medo que os confins materializam. A parede de pedra que finda a viela, o muro que interrompe a rua, o beco é a expressão mais aguda da finitude: não há saída. Ali se acumulam os dejetos, os entulhos, a circulação formigante dos bichos e insetos que habitam as escuridões. O beco esconde os cúmplices da finitude, o bestiário social, as execuções e as atrocidades, o exter-

mínio propiciado pelas milícias nas sombras, os gritos e pedidos de ajuda que ninguém ouve. O beco acolhe aquilo que ninguém quer ver e o que todos querem esquecer. É o epicentro do não-lugar e do não-tempo, do interdito.

Ao contrário, ao lado da centralidade da nave eclesial, ou do templo, ou da prefeitura, habitando todos os instantes, há a praça e seus olhares.

Outro epicentro mais visível e para onde os caminhos e os tempos convergem. Praça onde se sentam para prostrar, negociar, ler ou trocar olhares. Floração da cidade, a praça condensa todos os jardins no jardim comunal da cidade, para onde olham todas as flores dos balcões, das sacadas, das floreiras.

Lugar e tempo dos murmúrios, das canções, das bandas e dos coretos. Lugar festivo, por excelência, palco das manifestações efusivas e descontentes, plataforma diletta dos políticos (na nostalgia da ágora ateniense), a praça revela o tempo também dos excluídos e perdidos da cidade e do sistema: bêbados, prostitutas das ruas, cães vadios, pintores e poetas. Espaço “*democrático*”, a praça, é onde a marginalia divide com os cidadãos a

circulação igualizante do espaço horizontal e se fazem visíveis ao arpejo dos puritanos das classes alta e média. Os souvenirs e presentes nas barracas e lojas da praça se oferecem no auxílio da memória, os postais estandardizam o olhar canônico, as bancas de jornal exibem a praça literária dos periódicos, alguns cafés umedecem os lábios solitários da pessoa observadora.

Mas, a praça apenas prenuncia outro espaço-tempo fundamental nas cidades, que é aquele das trocas e do comércio: os mercados e as feiras. Desde o colorido esfuziante das frutas e grãos, brilhando ao sol dos espaços abertos, entre os jargões e pregões populares, até os mercados mais lúgubres, escondidos sob o abrigo de algum galpão; os mercados e as feiras se prontificam a dar o testemunho da frutificação do lugar. Seus frutos, seus artesanatos, sua arte, seus hábitos, costumes, as matérias primas da gastronomia – tudo se torna objeto de comércio e troca, inclusive as esperanças, as angústias e as comemorações. A linguagem universal do vendedor faz do espaço dos mercados o centro nevrálgico da vida cidadina.

De seus restolhos também se dá tes-

temunho do que circula pelas almas e bocas, entre mendigos, pobres e cachorros. Ulisses que não conseguiu se desfazer do disfarce.

Na fruição da cidade, os restaurantes e seus cheiros fazem da cidade uma cidade degustada e deglutida numa topofilia fágica. Das vidraças que miram o movimento das ruas, convidando ao balcão e mesas de seu interior, ou do letreiro que indica o restaurante escondido sob o disfarce das edificações semelhantes, a busca do prazer gastronômico avança para as escadas ou para o abrir das portinholas do cenáculo da degustação. As práticas simbólicas seculares do lugar se materializam nos pratos, nomes listados no cardápio, costumes e partilha da alimentação em rituais muito característicos e marcados pela aprendizagem engordante: se acrescenta, deliciosamente, ao nosso repertório, novas obsessões culinárias (saborosas atualizações da obra alquímica), novas práticas do servir. É aqui, nos restaurantes, botecos e comedores, que a prática fraterna do “*servir ao Outro*”, devidamente mascarada pelas motivações econômicas ou das práticas do ofício, se atualiza em toda intensidade. O orgulho e a satisfação do bem *servir*, do

prazer da degustação, da partilha de um universo, absolutamente, íntimo como é o das coisas que ingerimos, delinea o campo dionisíaco que se abre ao atravessar os umbrais ritualísticos da portinhola guardados pelos guardiões do cheiro.

Outros guardiões silenciosos – ou nem tanto – se espalham pelo conjunto arquitetônico e nos contam da rivalidade entre aqueles que pretendem organizar o tempo. De um lado, os velhos sinos e campanários, com sua herança ferreira telúrica, pois a técnica tradicional da forja dos sinos é a fôrma feita no interior do chão, e marcados pelo tempo da religião; de outro lado, as torres com seus relógios, deslizando ponteiros, milimetricamente, pensados, planejados, ocultando a herança maquinal das engrenagens por trás dos algarismos das horas. Ou ainda, sem maiores preocupações maquinicas, em sua versão digital, *clean* e sem vida.

De um lado, é o tempo que reverbera em direção a *kairós* – o tempo primordial da repetição. De outro, é o tempo que cronometra em direção à voragem de *chronos* – tempo que se economiza na racionalização da vida. No entanto, por mais paradoxal que

pareça, nas atualizações mais recentes, o campanário acolhe o relógio e o sino “*se dobra*” à marcação das horas. Mas, o aparente convívio entre os dois no mesmo espaço das alturas da torre da igreja não é tranquilo. Remonta, a todo momento, os dilemas entre a religião e a racionalização. Entre o tempo para si e tempo de si. Entre o espaço sagrado e o espaço profano. Então, o padre, em seu missal, reclama da falta de participação dos moradores do lugar nos santos ofícios.

Se os campanários e os relógios se ocupam da marcação do tempo, as placas, os letreiros e as inscrições se ocupam das marcas do verbo na delimitação dos espaços. Uma estética plural e, ao mesmo tempo, de muita unidade (em alguns casos é possível identificar a matriz cultural de uma comunidade pelos seus grafismos: o árabe, o eskalduna – vasco -, o andaluz, o indiano, o chinês, o hebreu, são alguns exemplos).

Entre o colorido das placas a indicar e delimitar espaços, os olhos se deliciam com o espaço-tempo que se condensam nas palavras. Cada nome, cada especialidade, cada lar ou ofício, tem sua caligrafia própria estampada

nos letreiros e placas de madeira. O ser se desperta no cuidado da inscrição que se constitui em fixação do *logos*, isto é, fixação do verbo, da *palavra-alma*, sobre a superfície da madeira, do metal. Este é um aspecto que se perde nas atualizações eletroeletrônicas digitais dos luminosos, néons e as cansativas e entediadas telas de plasma com alguma programação preestabelecida a partir de um outro espaço distante daquele e que, evidentemente, não sabe e nem conhecerá o seu valor como lugar (habitado, vivido, amado talvez....).

A fruição da paisagem histórica, em geral, principia, exatamente, onde, geralmente, também termina: nas estações de trem e rodoviárias. São os itinerários da chegada e também da despedida. *Locus* privilegiado da ambivalência, as rodoviárias e estações de trem – ainda que os veículos determinem especificidades próprias – possuem espaços que concentram, em escala menor, as potencialidades da cidade. São pequenos restaurantes, pequenas lojas, algum jornaleiro, mapas e planos das ruas. Indicações de direção, vagarosamente, traduzidas e estudadas. Antecipam os itinerários e

as jornadas. Por isso, a condensação da cidade própria em seu terminal. Os souvenirs antecipam os marcos, os monumentos, as práticas tradicionais, o pitoresco. De outro lado, na despedida, remontam a memória: cada pequena lembrança, comprada ou ganhada, encerra um percurso jamais esquecido. Incorporado ao percurso autoformativo do *geógrafo*, do viajante e do *romancista* (tríplice constituição de qualquer hermeneuta como sugere Paul Ricoeur), a despedida da região – toda condensada no terminal rodoviário ou de trem – assume o valor de uma nostalgia intensa. No campo de forças da saudade do rincão natal e a perplexidade e a ansiedade que cedem lugar a um carinho já tornado familiar pelas descobertas e pelos despertares, a cidade e sua paisagem se instalam na alma do fruidor. Retornará? Só a destinação do caminhante poderá responder.

Entre os burburinhos e os silêncios da paisagem, a fruição do patrimônio possui esta magnificência de que a arquitetura é portadora: nos subsume. Nos instalamos no espaço-tempo do lugar outro que, crepuscularmente, transita do desconhecido ao familiar. *Do locus ao domus*. Neste sentido,

nenhuma estratégia de marketing pode substituir ou iludir o fruidor em sua relação direta com os espaços e tempos materializados nas construções e nas pessoas.

O simbolismo primordial da organização do espaço e sua dimensão temporal nos precipitam na viagem mítica ao encontro de nós mesmos, ao despertar do Ser, como o mestre *Bachelard* nos dizia. Por isso, se constitui no exemplo que mais me agrada da jornada interpretativa, como exercício mitohermenêutico. Não é necessário “*decodificar*” nenhuma intriga, trama ou ocultação, nem folhear grossos manuais mortuários de ossos dos símbolos sem carne nem alma, chamados de “*dicionários*”. É a corporeidade do fruidor que dialogará com as pedras, madeiras, pessoas, bronzes, olhares, vidros, na duração de sua *profundização*, no despertar morno da consciência, tal como o sonhador de vela e sua ampulheta.

Uma última palavra sobre os alicerces desta fluidez de Ser.

São os rios e braços de mar que lambem e nutrem a terra, que se escondem no precipitar sobre os córregos e riachos, na teia líquida subterrânea dos lençóis sob a cidade,

os rios e braços de mar, que finalizam o percurso da água primaveril das nascentes em direção ao encontro final no abraço descomunal do velho mar; que se constituem nos alicerces do espaço e do tempo da cidade e sua paisagem. Paradoxalmente, a solidez das pedras e das construções é devedora desta fluidez líquida da água. Os moinhos de água que se espalham por aqui ou por lá, guardam em sua memória, a fabricação do tempo primordial, que alicerça a percepção do tempo que passa, das estações que passam, do movimento. Todo moinho de água, assim como todo cais de porto, toda marina, marinha ou fluvial, guarda no movimento das águas a marca primeira do ritmo de nossa existência, fluxo e refluxo sanguíneo do batimento cardíaco da *mãe-amante*.

Sobre esta fluidez temos as pontes que ligam os caminhos no arco sobre a corrente de água, torrente da jactância. Sobre as pontes, retilíneas ou em arco, nos debruçamos para contemplar, do alto de nossa estabilidade observadora, a voragem da fluidez que corre em direção ao mar. Contemplamos o espelho da água tranquila que, narcísica, se apaixona pelos céus e nuvens.

Mergulhamos nos devaneios do devir que se escondem na cabeleira do rio e seus fios a reclamar o pente e o espelho, cabeleira de *Shiva* que, de seus fios, dá nascimento ao Ganges. Nos deixamos levar pela musicalidade fresca do, eternamente, o mesmo. É este ritmo da repetição que nos introduz no tempo primordial, a que nos convida a ponte hermesiana. Ao seu lado, o peregrino deposita flores ou uma pedra a mais na herma: pequeno montículo de pedras em homenagem ao protetor(a) dos caminhos.

A comunicação entre a imaginação lítica das pedras nas pontes se dá com o universo ctônico das serpentes, reforçando a constelação hermesiana. A ponte na forma de arco-íris sinaliza a aliança da terra com os céus, assim como no Gênesis (9, 12-17) cristão, também possui sua forma na tradição yorubá sob a figura de *Oxumaré*, serpente arco-íris andrógina, assim como *Ewá* (senhora dos segredos), também serpente, filhos de *Nanã Buluku*, aquela “duas vezes mãe”, senhora do barro, da lama, das águas pesadas, da vida e da morte. Ou ainda na serpente verde de Goethe, que se transforma em ponte e depois se fragmenta em pedras-diamantes.

É este ritmo entre a estabilidade lítica e a serpenteante corrente que nos impulsiona a fazer parte desta concretude líquida e deslizar sobre ela, singrando o fio d’água, seja na barca, no navio, na nau, na jangada... a empreender a jornada para além das terras. Aqui percebemos o *eterno retorno à ancestralidade*.

Então, compreendemos um pouco melhor a topofilia de pescador em cidades como a velha Belém e seu mercado “*ver-o-peso*”, de homens e mulheres com as velhas sandálias (crepida) do pescador que voltam ao mar. Sob o lusco-fusco do *crepusculum* matizado pelos guará-pitanga (*Eudocimus ruber*), pássaros vermelhos em sua revoada de despedida.

Quando uma cidade mata seus rios, perde sua alma. Nas metrópoles das diversidades e adversidades que se sobrepõem, o trem vai dizendo que “*tem gente com fome*”, em clássico verso de um *Solano Trindade* (1908-1974), filho de sapateiro que nos trouxe os ventos da África. (*Figura 11*)

O primeiro também ator, em 1956, a interpretar o Orpheu negro (“*Orfeu da Conceição*”, peça de Vinícius de Moraes), depois transformado em filme por *Marcel Camus*, em 1959. O mesmo mítico Orpheu ao qual se

junta o músico e compositor *Itamar Assumpção* (1949-2003) na vanguarda paulistana e vem confirmar o “banzo” contemporâneo: “*onde será meu caminho?*”

Meu caminho talvez seja o caminho dos ancestrais: topofilia pela matéria da terra que habita minha língua, meu gesto e meu canto, meu mito pessoal e coletivo entre rosas e veredas. Ser é tão vereda que só cabe um, mas o buritizeiro ensina a comunhão. Caminho que nos leve, talvez, à desejada e tão sonhada frátria.

“Disse a Musa Brasileira:

- Meu moleque aprendiz:

poeta é um barco vadio

entre o espanto e a cicatriz (...)

Olhai a pedra Drummond,

que em cada sertão

há sempre um guimarães

plantando Rosas e Veredas”

(Toninho Café, 1978)- (Figura 12)

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston (1978). *A Poética do Espaço*. São Paulo: Abril Cultural, Col. Os Pensadores, 181-354.
- BACHELARD, Gaston (1989). *A Chama de uma vela*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BACHELARD, Gaston (1996). *Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes.
- DURAND, Gilbert (1981). *Las estructuras antropológicas del imaginario: introducción a la arquetipología fundamental*. Madrid: Taurus.
- FERREIRA-SANTOS, Marcos (2021). *Cantiga leiga para um rio seco & outras mitologias*. São Paulo: portal livre de livros USP, selo Galatea, 4 vols. (no prelo).
- FERREIRA SANTOS, Marcos (2005). *Crepusculario: conferências sobre mitohermenêutica & educação em Euskadi*. São Paulo: Editora Zouk, 2ª edição.
- FERREIRA-SANTOS, M. (2005). *O Espaço Crepuscular: mitohermenêutica e jornada interpretativa em cidades históricas*. In: PITTA, Danielle Perin Rocha. (Org.). *Ritmos do Imaginário*. Recife: Editora Universitária UFPE, p. 59-99. Disponível em: http://www.marcosfe.net/espaco_crepuscular_ritmos.pdf
- FERREIRA-SANTOS, M. (2006). *Oikós: topofilia, ancestralidade e ecossistema arquetípico*. Anais do XIV Ciclo de Estudos sobre o Imaginário - Congresso Internacional: As dimensões imaginárias

- Associação Ylê Setí, p. 41-71. Disponível em: http://www.univ-montp3.fr/ufr5/irsa/telechargements/XIV_Ciclo_De_Estudos_Sobre_O_Imaginario_ANAIS.pdf
- FERREIRA-SANTOS, M. (2009). Mitologias na arte: labirintos iniciáticos. Recife: Formação Continuada de arte/educadores, alunos, aprendizes e monitores de museus, no conhecimento da obra de Francisco Brennand, Associação dos Amigos da Arte Cerâmica de Francisco Brennand e Prefeitura do Recife. 2009.
 - FERREIRA-SANTOS, Marcos. (2014). Mitologias na arte: labirintos iniciáticos em Francisco Brennand. Saberes em Ação, Arte & Espiritualidade, Ano 02 · Nº 04:167-191, Jul/Dez. Disponível em: <http://www.faculdademessianica.edu.br/publicacoes/index.php/saberes/article/view/67/117>
 - FERREIRA-SANTOS, M. (2017). Mito & Imaginação: concerto grosso para duo de sopro e cordas em fermata e ostinato. In: Wunenburger, J.J.; Araújo, A.F.; Almeida, R.. (Org.). Os trabalhos da imaginação: abordagens teóricas e modelizações. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, p. 215-18 239. Disponível em: <http://www.marcosfe.net/concerto%20grosso%20mito%20e%20imaginacao.pdf>
 - FERREIRA-SANTOS, M. & ALMEIDA, Rogério (2019). Antropológicas da Educação. São Paulo: Képos, 3a Ed. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/318>
 - FERREIRA-SANTOS, M. & ALMEIDA, Rogério (2020). Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética. São Paulo: portal livre de livros USP, selo Galatea, 2 a . Ed. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/453/406/1590-1>
 - MERLEAU-PONTY, Maurice. O Visível e o Invisível. São Paulo: Editora Perspectiva, 3 a ed., 1992.
 - PAES LOUREIRO, João de Jesus (1998). Belém. O Azul e o Raro – (para ler como quem anda nas ruas) Poesia e Música com Salomão Habib.
 - PAES LOUREIRO, João de Jesus (2017). Encantarias da palavra. Belém: Ed. UFPA
 - QUALLS-CORBETT, Nancy (1999). A prostituta sagrada: a face eterna do feminino. São Paulo: Paulus Editora, 3 a ed.

- RAMIL, Vitor (1992). A estética do frio. In: FISCHER, Luis Augusto (Org.). Nós, os gaúchos. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS.
- RUBIRA, Fabiana (2015). Dançando com o Minotauro nas noites: narração de estórias e formação humana. São Paulo: FEUSP, tese de doutoramento.



Figura 3

FIGURAS

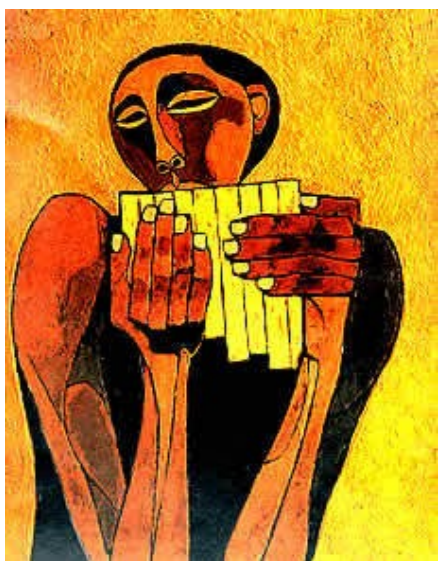


Figura 1: Quadro do equatoriano Oswaldo Guayasamin (1919-1999)



Figura 4



Figura 5



Figura 2



Figura 6

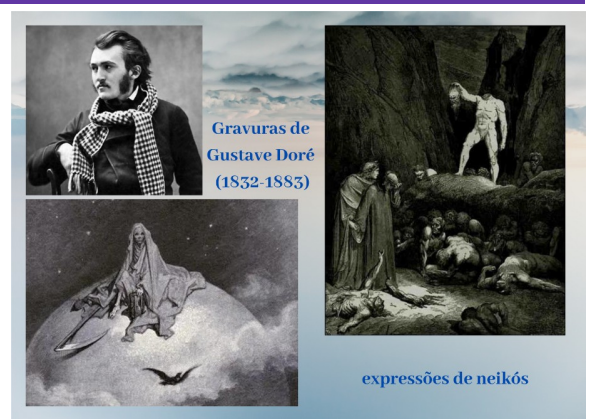


Figura 10

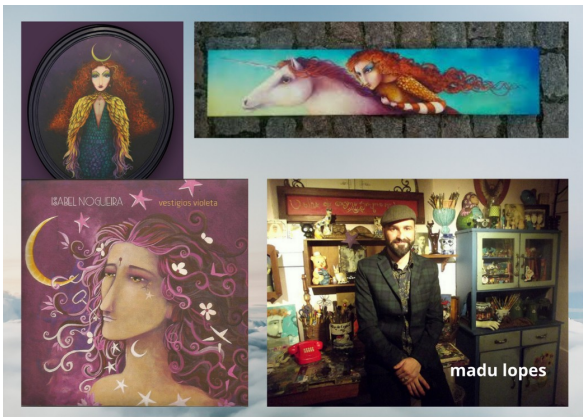


Figura 7



Figura 11

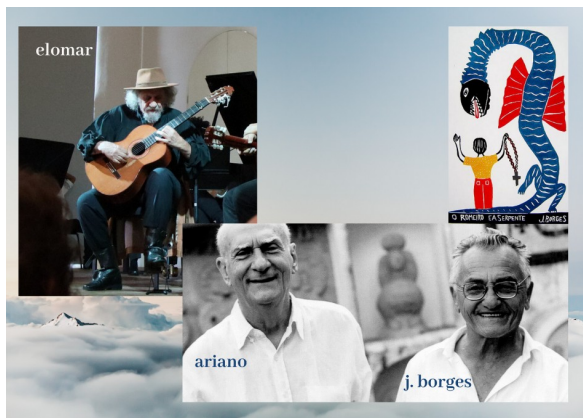


Figura 8

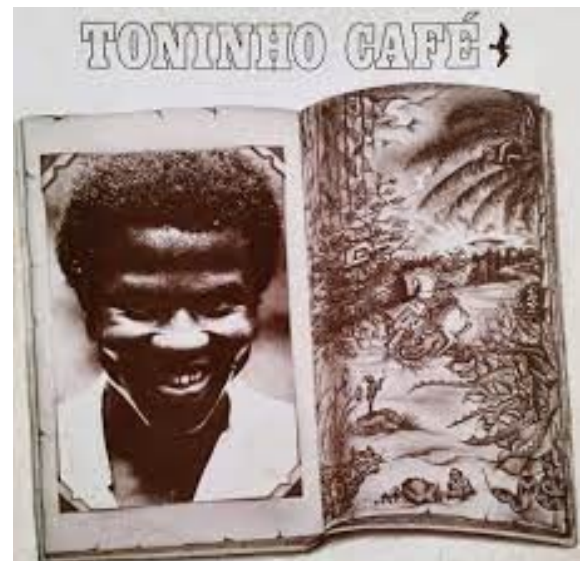


Figura 12



Figura 9

A LOUCURA NOSSA DE TODO DIA!

SEGUNDA PARTE: ARTE E ENCONTRO NO TRATAMENTO DE PESSOAS COM PSICOSE. (ESCUITA, AFETO E ATENÇÃO)

POR DANIEL KRONENBERG GLEZER

“(...) Eu ficava olhando seu gesto impreciso porque uma bolha de sabão é mesmo imprecisa, nem sólida nem líquida, nem realidade nem sonho.” -

Lygia Fagundes Telles

Trajetória no viés

Quem nunca se deparou com uma pessoa totalmente ensandecida, gesticulando e babando, dizendo coisas sem sentido no meio da rua, aos trapos, revirando lixo e vociferando pra todos os lados contra combatentes imaginários? Quem nunca se deparou estático, tremendo de medo, ao ouvir histórias horripilantes, lendas urbanas, as mais aterrorizantes, sobre o homem do saco? Quem nunca passou por um ho-

mem do saco na esquina de casa? E se o homem do saco tivesse a oportunidade de contar a sua história? E se ele pudesse ser partícipe num lugar de encontro e de fala, onde sua loucura expressada tivesse eco num campo de acolhimento com escuta, afeto e, por que não, brincadeira?

Na minha infância, tive algumas oportunidades de ser atravessado por uma mistura de sensações entre medo, desconfiança, admiração e, às vezes, pena de algumas figuras que eu identificava como pessoas loucas. Me encantava ouvi-las, um fluxo inconstante de palavras sem nexos, um silêncio ensurdecido refletido num olhar inquieto ou num gesto retorcido. Eu tinha um interesse ge-

nuíno em observá-los e compreendê-los, o máximo possível, encontrar algum sentido, um fio da meada sequer no meio daquele turbilhão mental que explodia num vômito incompreendido de frases desconexas.

Nessa época, com meus quatro ou cinco anos de idade, meus pais já enxergavam em mim um pouco dessa loucura inconcebível. ‘Esse aí tem alma de artista’, diziam às gargalhadas, ‘O artista atrai esse tipo de gente, os desmiolados’, diria um tio distante em tom de deboche. ‘Louco atrai louco’. Mas isso fazia de mim um louco? Afinal, o que era ser louco? O que fazia de alguém uma pessoa louca?

Nessa trajetória cambaleante entre o artista e o louco, fico pensando que talvez seja possível estabelecer alguma relação entre a loucura e a arte, o teatro, o palhaço, que se constituem como pilares de trabalho e pesquisa. Essa trajetória tem uma âncora, um elo de ligação, lá na Casa do Todos, onde um espaço de encontro se vislumbra, um campo de escuta sustentado com afeto, atenção e cuidado nas relações de convivência, onde a arte e a presença do corpo em movimento são parte de uma iniciativa profícua para o trata-

mento em saúde mental e onde é possível dar voz e lugar de fala aos que sofrem algum tipo de transtorno psíquico, diluindo e ressignificando o ‘problema sofrido’, mesmo que por alguns instantes.

Hermenêutica sem sentido, ou Hermes: um trickster pra chamar de seu

“E no lar de sua mãe, Hermes (...) meteu-se

obliquamente pelo buraco da fechadura, como a névoa em brisa de outono.”

Para mergulhar na busca de algum sentido da loucura, é preciso despir-se de qualquer sentido. Estamos diante do inusitado, do imprevisível, daquilo que não se completa enquanto uma mensagem lógica, compreendida dentro de um padrão concebível.

A hermenêutica, ou seja, a busca de uma interpretação coerente das palavras que se expressam, perde sua função na medida em que não é capaz de decifrar os códigos numa conversa entre loucos. Pensamos: ‘do que eles estão falando?’ Se não reconhecemos uma organização lógica naquilo que ouvimos, não com-

preendemos o que é dito. Nesse sentido, a hermenêutica de Hermes não passa de uma chave que não abre portas. Justo ele, Hermes, o mensageiro dos deuses, aquele que deveria corresponder ao meio mais ilibado de comunicação no Olimpo, causa todo tipo de trapalhada com suas falas confusas entre mentira e verdade, utilizando recursos para, segundo Lewis Hyde, apagar os limiares, desarrumar os marcos de fronteira e enlamear as divisões claras que um dia organizaram o mundo de Apolo.

Aqui, Hermes é o trickster. Consegue transitar entre o céu e a terra, entre os vivos e os mortos. É o mensageiro dos deuses e o condutor das almas, mas também é aquele que tece um 'novo lugar' através de um artifício, de um embuste, de um truque, podendo mover-se em qualquer direção, e mais, atuando como agente por meio do qual os outros são conduzidos a uma ou outra direção. Hermes também é o tecelão dos sonhos. Ele é quem nos conduz ao submundo do sono, das histórias e dos mitos. É ele quem nos inaugura num mundo de criatividade e mudanças, é ele quem nos instiga a olharmos para a nossa própria psique

e a de nossa sociedade.

Afinal... O que é ser normal?

Meu louco de nariz vermelho: o que fazer com ele?

Nessas idas e vindas entre arte e loucura, criatividade e insanidade, na busca de conhecer o ser humano, de reconhecer o meu lugar como ser humano, meu lugar no mundo, mergulhei no universo do Palhaço. Um ponto de vista atravessado por uma lógica que também está fora de uma certa normalidade. O palhaço, que pode ser louco, ganha uma dimensão maravilhosamente poética nas lindas palavras de Cristiane Paoli Vieira, quando diz que ele 'está pronto pra tudo e sabe tudo, sem saber nada'. Tudo para ele é um novo acontecimento, algo inusitado que vai gerar uma situação nova. E precisamos, nós, palhaços, estar preparados para o momento. E precisamos, nós, arteterapeutas, estar preparados para o encontro. O universo do palhaço anda em trilhos paralelos com o mundo da Loucura. E qual é o ponto em comum? A Escuta. Ela é a chave de fenda que afrouxa ou aperta os parafusos das estruturas que ligam os trilhos e impedem o

trem de descarrilhar. E a pesquisa do Clown me levou ao encontro da ingenuidade. Não num sentido pejorativo, mas a ingenuidade da simplicidade, uma graça natural, emprestada da confiança e da sinceridade. A ingenuidade de saber brincar, saber brincar com aquela curiosidade infantil, aproveitando e gozando de cada descoberta, fazendo do momento presente um acontecimento único e insubstituível, transformando o encontro numa explosão catártica que se projeta e se cola num novo simbolismo, trazendo algum sentido real dentro da quebradiça estrutura psíquica das pessoas ditas loucas.

Como o jogo lúdico pode estimular as relações? Em que medida podemos criar um espaço de reconhecimento dos afetos através da representação de si na brincadeira e, colocando-se em contato um com o outro, voz e presença, buscar a retomada de um sentido simbólico? Num jogo de reinvenção de si mesmo e empréstimo dos afetos alheios, podemos apostar que essa dinâmica contém em si uma função terapêutica? Essa é a pergunta que tenho me feito ultimamente! Como fazer de um encontro entre corpos, uma experiência catártica e terapêu-

tica?

Como atravessar a imensidão da indiferença e da ignorância sobre a pessoa acometida pela psicose e, trazendo-lhe um leque de imagens emprestadas para recompor seu simbólico numa colcha de retalhos mal-ajambrada, possibilitar um espaço de apoio em que seu sofrimento seja menos doloroso? Como cuidar de um encontro, de modo que todos saiam fortalecidos do embate com sua própria loucura? Como podemos construir uma dinâmica de convivência mais integrada e inclusiva, menos centrada na alienação e no isolamento da pessoa louca?

Arte, Loucura e Encontro

A Casa do Todos é um espaço de tratamento em saúde mental por meio da arte e da convivência, onde pessoas em sofrimento psíquico têm um lugar de fala, uma voz atuante, uma possibilidade de um encontro ideal, entre o eu e o outro. Um espaço incluído - porém não reduzido - pela arquitetura urbana e pelas relações sociais corriqueiras e cotidianas, onde os muros do isolamento e da exclusão se rompem e já não fazem mais sentido, onde a

pessoa é entendida no seu ser e não na sua doença, onde cada um interage e se relaciona com sua própria loucura e com a do outro, como um espelhamento da vida como ela é, sem recalques. O Encontro, movido por corpos que se deixam afetar uns aos outros, uma vivência afetiva experimentada no corpo e na psique do terapeuta e do atendido, um lugar-espaco-tempo construído com afeto, escuta e atenção, acima de tudo.

Carpe Diem. O encontro é o momento presente. O resto é passado ou futuro.

Toda quinta-feira, a galera se reúne. Chego suado da pedalada e, antes que eu possa estacionar a bicicleta e tirar o capacete, sou recebido pelo Zé, que me pergunta de onde me conhece, ao mesmo tempo em que aperta a minha bochecha e já emenda numa pergunta muito carinhosa e impertinente, agora me olhando nos olhos, apertando o meu pescoço gentilmente e sorrindo levemente com o canto da boca, 'Posso matar?' Eu respondo que só depois que eu tomar um cafezinho. Dadá me vê e começa a dançar. Dedé estampa no rosto sua alegria sorridente de olhar brilhante. Dudu chega e empurra suavemente o Zé para o lado, dá uma

bronca em grunhidos para Didi, que está por ali interrompendo a passagem, me aperta num forte abraço, me pega pela mão e me leva para dentro, onde estão servindo um café feitinho na hora. Cacá interrompe seu xingamento corriqueiro só para me receber com palavras de boas-vindas, se desculpando por seu mau humor repentino, causado por 'aqueles burros'. Seu rompante de fúria tem origem na ebulição de hormônios puerperais, causado por uma gravidez imaginária, a última das quatro. Com a mão na barriga, ela me fala que o João Pedro, seu filho caçula, vai adorar me conhecer. Laura se alegra em me ver chegando e diz que é uma pena que não cheguei antes pro almoço. Afinal, quem é o atendido e quem é o terapeuta? O encontro já está estabelecido desde o princípio. O campo de jogo é a infinidade de possibilidades que a convivência no coletivo, sem rótulos e padrões, oferece. A convivência é embrenhada de um semblante positivo, no sentido daquilo que Jean Oury vai dizer como sendo 'uma qualidade sensível, um sentimento simples das coisas'. Essa simplicidade, quase como inocência, é o que dá sentido ao discurso do próprio coletivo, um coletivo com

semblante amoroso, afetuoso, atencioso e cuidadoso na relação entre pessoas, normais ou loucas, com psicose ou com neurose, com meiose ou com mitose, e vice e versa. Ou não.

Para o filósofo Johan Huizinga, 'brincar é trazer à tona sua própria loucura, reconhecendo-a e recriando-a.' Mas a brincadeira, definitivamente, também é um exercício de autocontrole, onde o jogador precisa se organizar para participar da experiência. Quando todos já estão na sala, podemos começar a aula de teatro, quer dizer, a oficina, quer dizer, o encontro dentro do encontro. O momento do cumprimento. Convocamos nosso corpo, nossa presença, nos prontificamos a vivenciar uma experiência transformadora e desafiadora. Um campo lúdico que possibilita a transferência no coletivo, a abertura de um novo espaço onde o sujeito possa manifestar-se através da 'emergência de um dizer', que muitas vezes pode ser não verbalizável.

Dudu, Dedé e Dadá estão vibrando de contentamento por fazer parte do acontecimento, desse encontro onde o elemento do faz-de-conta se aponta como potência imediata. Beto, co-

municando-se por libras e gestos, preocupa-se com o conforto dos colegas e se faz ouvir com sua presença marcante. Lucas se arvora em gestos tímidos e elegantes para concretizar sua essência diante de todos, um enorme desafio para furar a bolha de seu espectro gravemente autista. Laura dorme na poltrona colocada confortavelmente por Beto no canto da sala. Entre roncos e suspiros, atende a um chamado impulsivo do mundo real para dar seu cumprimento, que lhe atravessa o estado de sono e a faz levantar o braço direito, soltando um grunhido, e volta a dormir. Gosto de pensar que o inconsciente da Laura estava mergulhado na brincadeira proposta enquanto seu corpo físico seguia inerte num sono profundo. Qual o alcance de uma brincadeira? Em que medida a transferência simbólica para um universo lúdico não seja talvez uma solução possível para lidar melhor com as próprias dificuldades, ainda que no nível do inconsciente? E qual é o papel da Escuta nisso tudo? Como saber identificar as sutilezas que brotam das relações, de uma ideia profunda que aflora num corpo em sofrimento, que pode virar pedra ou pode virar pena?

A escuta é um exercício que exige

paciência e compaixão. Paciência para ter a capacidade de não querer compreender tudo ou tirar conclusões precipitadas acerca das coisas, saber sustentar o silêncio e trabalhar com o vazio. Mas também compaixão, para colocar-se no lugar do outro. Para Dunker, 'escutar é sair de si em duplo sentido: assumir a perspectiva do outro e suspender a sua própria perspectiva interiorizada de si'. O escutador está diante do imprevisível, do inusitado, do imponderável. Como o palhaço. O palhaço não sabe nada. E o que tem a perder aquele que não sabe nada? A partir desse estado de ingenuidade e curiosidade, o palhaço se arvora por caminhos lúdicos em busca de imagens e afetos. A brincadeira como a chave perdida que destranca o baú enferrujado do inconsciente. Um derramamento de sonhos, delírios e desejos, despejados no grande caldeirão simbólico a partir do qual se constitui esse Coletivo. O campo do jogo é o espaço da catarse possível. E a catarse é terapêutica.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. Da Alma. São Paulo: Edipro, 2011.
- CAMPBELL, Joseph. O Poder do Mito. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- DUNKER, Christian; TEBAS, Cláudio. O palhaço e o psicanalista. São Paulo: Editora Planeta, 2019.
- ECO, Humberto. História da Feiura. Org. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- FOUCLAT, Michel. História da Loucura. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- GASSET, José Ortega. Meditações do Quixote. São Paulo: Vide Editorial, 2019.
- HYDE, Lewis. A astúcia cria o mundo. Tricster: Trapaça, Mito e Arte. São Paulo: Civilização Brasileira, 2017.
- HUIZINGA, Johan. Homo Ludens, São Paulo: editora Nova Edição, 2015.
- LACAN. Jacques. O Seminário: Livro 7 - A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- OURY, Jean. O coletivo. São Paulo: Hucitec, 2019.

-
- PELBART, Peter Pål. Da clausura do fora ao fora da clausura. São Paulo: Brasiliense, 1989.
 - SARTRE, Jean-Paul. A imaginação. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2007.
 - SILVEIRA, Nise. Encontros: Terapêutica Ocupacional: Teoria e Prática. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2009.
 - SILVEIRA, Nise. Imagens do Inconsciente. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
 - VIEIRA, Cristiane Paoli. "Movimento-imagem-ideia" - o percurso de uma prática. 2016. Dissertação (Mestrado em Teoria e Prática do Teatro) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.27.2017.tde-05052017-120004. Acesso em: 2021-08-21.



LIVRO: Dos Sumérios a Babel - Mesopotâmia, História, Civilização e Cultura

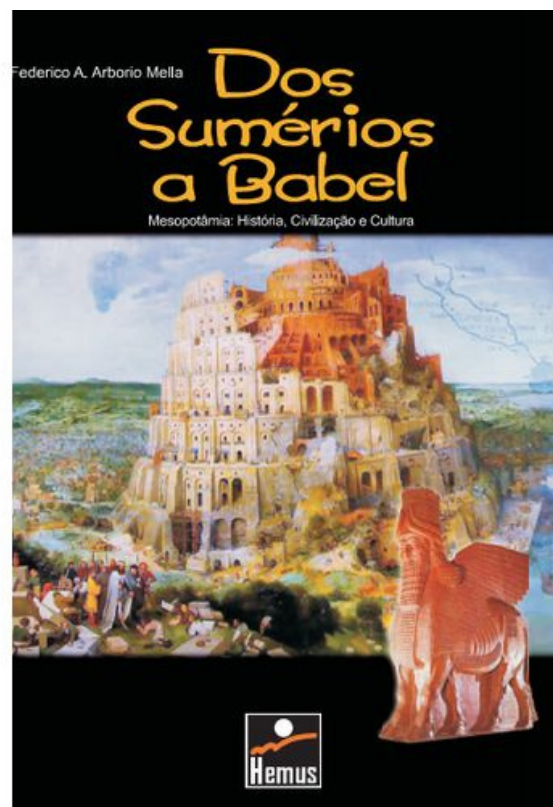
AUTOR: Frederico A. Arborio Mella

POR LARISSA DIAS

Quem é apaixonado por livros vai entender quando eu disser que este é um daqueles livros que enchemos de "post it"!

Aqui falaremos de uma das poucas obras em português que trata sobre a mitologia da Mesopotâmia. Já no início esse livro traz algo muito interessante: a escrita cuneiforme nas tábuas de argila e como ocorreu a tradução deste conteúdo para a língua inglesa. Quando falamos da mitologia dos povos antigos, normalmente temos uma equipe que fez a tradução da obra. Neste caso, existe uma verdadeira "viagem" de como se chegou a esta tradução e isto é extremamente intrigante, pois a forma como o autor apresenta nos faz pensar se aquela lógica estava realmente correta ou se era a mais adequada.

O livro aborda a seguir o surgimento dos sumérios, dos acádios, da dinastia de Ur e ainda fala sobre a



Assíria e Babel.

Em meio a tudo isso, o autor traz, através de inúmeras imagens, mitos muito importantes dos sumérios, dentre eles a cosmogonia com o deus Anu e a deusa Ki, e Enlil, bem como a representação do poder através dos monumentos chamados Zigurates.



Um dos pontos altos do livro é quando o autor se debruça sobre a história da deusa Inanna/Ishtar com seu consorte Dumuzi/Tamuz. Esta história, que tem fortes paralelos com o mito egípcio de Ísis e Osíris, também pode ser comparada a descida aos infernos ou período de luto feito por outras divindades, como a deusa grega da terra Deméter.

Nesta história ainda nos é apresentada a deusa Ereskigal, a parte escura da deusa Inanna, em uma relato magnífico da descida aos infernos em busca do seu marido.

Em certa parte do livro, o autor aborda o Enuma Elish, além da história do primeiro herói mitológico, Gilgamesh.

Mais à frente o autor fala sobre o reinado de Nabucodonosor, os jardins suspensos da Babilônia e a famosa Torre de Babel.

O mais interessante deste livro é sua separação de acordo com os períodos que marcaram as divisões

imperiais de cada época, com seus reinados e conquistadores, mostrando assim a formação das civilizações ao longo do tempo e suas modificações, além de mostrar como a mitologia também foi se transformando.

Esta é uma publicação recheada de tabelas com linhas do tempo, mapas antigos e atuais e, claro, imagens e mais imagens mitológicas para os leitores apreciarem!

Espero que gostem!

Boa Leitura!

VITROLA DE ORFEU



ARTISTA: Malagheta
MÍDIA: Ritual

POR JADE SKRABE E MARCELO AZEVEDO

Imagine uma mistura de ritmos tribais com rock, unida a melodias fortes e letras sobre empoderamento do Sagrado Feminino. Isto é Malagheta!

Na figura da Bruxa, personagem representado pela cantora e compositora Jade Skrabe, Malagheta tem canções que motivam mulheres a assumirem um papel de relevância e liderança na sociedade.

Tendo como referências Cássia Eller, Elis Regina, Janis Joplin, Amy Winehouse e Chico Science, Malagheta é um grupo que autodenomina seu gênero musical como Rock Tribal. Misturando ritmos tribais antigos (como mantras indianos e indígenas) à riffs de guitarra, acontece uma sonoridade original, provocativa e mística, unindo o passado ao futuro.

O pajé viking, personagem do percussionista Marcelo Azevedo que mistura as culturas indígenas e nór-



dicas junto à cultura do tambor africano usado nos shows, o Djembê.

O tambor foi um dos primeiros meios de comunicação entre as tribos, antes mesmo da fala, além de ter sido o primeiro instrumento criado pelas



mãos da humanidade, sendo a característica principal do trabalho, simbolizando o coração da Mãe Terra, pulsante, exigindo que a humanidade finalmente honre suas Mulheres como seres geradores da vida e sua natureza sagrada.

Rob Sammore, o guitarrista performático com seu visual totalmente rock'n'roll dá o contraste a esta interessante mistura. A guitarra dá o peso do rock, levando suas distorções para as tribos e as várias possibilidades de harmonia.

Além desta abordagem de reverência ao Sagrado Feminino, o ecossistema do planeta clama por cuidado e o Malagheta faz parte deste despertar para uma nova era de respeito aos sistemas naturais, ao corpo da mulher, à ecologia e a importância do útero como o laboratório que gera vida. Toda Mulher é Sagrada.

Namastê!

LANÇAMENTO DO ÁLBUM RITUAL COM SHOW ONLINE

O Show Ritual é uma coleção de mantras e canções tribais de diversas regiões do mundo, uma homenagem ao Sagrado Feminino. Cada mantra representa uma persona da psique feminina. Um show místico, cardíaco e rústico, onde o tambor simboliza o coração de Pachamama, de Gaia, A Grande Mãe Terra, revelando e honrando o instinto feminino. Entram em cena, simbolicamente, terra, água, fogo e ar, os quatro elementos, as quatro estações do ano, as quatro fases da lua. Captado em um estúdio, especialmente preparado, esta coletânea é formada por ritmos primitivos e ancestrais, e consolida o conceito tribal do grupo Malagheta. O show é acústico, composto por 3 integrantes do grupo: a cantora e compositora Jade Skrabe, o percussionista Marcelo Azevedo e o violonista e guitarrista Rob Sammore, contendo ritmos carregados de história da humanidade e cantando o Sagrado Feminino. O show será exibido online no Canal Malagheta Rock Tribal com **lançamento marcado para o dia 22 de setembro, às 22h.**

VITROLA DE ORFEU



LANÇAMENTO DO NOVO SINGLE ROCK TRIBAL

Em agosto, um mês antes do lançamento do Show Ritual, não por acaso escolhida, na sexta-feira 13, Malaghetta lançou seu segundo single Rock Tribal na Kiss FM Campinas, no Programa Autoridade Autoral, apresentado por Nino Fonseca, que aconteceu das 17h às 18h.

METAS PARA 2022

Em 2022, Malaghetta lançará o segundo álbum (plataformas digitais). As composições autorais estão prontas e em fase de pré-produção. O álbum *C a r n í v o r a* também será lançado em um evento online de alto nível. A intenção é aproximar jovens e adultos de todas as classes sociais e gêneros da sonoridade tribal, em contraponto ao excesso de tecnologia a que somos submetidos todos os dias.

Almejamos popularizar o segmento, criando novas plateias para este estilo de música que carrega a história da humanidade em sua

variedade de ritmos, pois o tambor (aqui representado pelo Djembê), foi o primeiro instrumento de música e comunicação criado pelas mãos do homem.

Um forte impacto será causado através da reflexão sobre a importância da música através da história, unida ao viés do empoderamento feminino, matriarcas e ecologia.

A cultura primitiva vem sendo redescoberta empolgantemente pelas novas gerações. O som básico, rústico e ancestral do tambor une todas as etnias, demonstrando claramente que todos somos um. Viemos todos de um único DNA ancestral. Tão importante quanto isso é o diferencial da linguagem utilizada pela compositora que revela e enaltece vários estilos de empoderamento feminino, utilizando o arquétipo da Bruxa e criando um link de aprendizado comportamental para mulheres de todas as classes sociais, etnias e idades.

VITROLA DE ORFEU



SOCIAL MEDIA

CANAL NO YOUTUBE MALAGHETA ROCK TRIBAL: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/CHANNEL/UCQWW9GGTDLOAD_MYDUKJJ9G](https://www.youtube.com/channel/UCQWW9GGTDLOAD_MYDUKJJ9G)

PROGRAMA MALAGHETA IN ROCK:

AS HISTÓRIAS MAIS LOUCAS DO MUNDO DO ROCK + DICAS DE FILMES SOBRE O TEMA CONTADAS DE FORMA DESCONTRAÍDA PELO CASAL DE APRESENTADORES JADE SKRABE E MARCELO AZEVEDO, A DUPLA MAIS MALAGHENTA DE APRESENTADORES, ESCRITORES, BRUXOS, COZINHEIROS, BÊBADOS E FILÓSOFOS ROQUEIROS DO APOCALIPSE. PROGRAMA PREMIADO PELA SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO

PLAYLIST COM 31 EPISÓDIOS:

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/PLAYLIST?LIST=PLJA3SPUDNNFT1HS8VIYCIE0G-OJBFJX1V](https://www.youtube.com/playlist?list=PLJA3SPUDNNFT1HS8VIYCIE0G-OJBFJX1V)

INSTAGRAM: @JADESKRABEOFICIAL

PÁGINA DO PROGRAMA MALAGHETA IN ROCK NO FACEBOOK - OS MEMES MAIS DIVERTIDOS DO MUNDO ROCK - 8.500 INCRITOS

[HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MALAGHETA IN ROCK](https://www.facebook.com/malaghetainrock)





ARTISTA: Medjay

MÍDIA: CD Sandstorm

POR LUIS RIBEIRO - HELL YEAH!

As culturas das civilizações mais antigas da terra sempre despertaram especial interesse na sociedade contemporânea pela influência que exercem em nossas vidas até os dias de hoje, sendo objeto frequente de estudos e servindo de fonte recorrente e inesgotável para peças artísticas, como pinturas, filmes, livros e músicas. Uma das culturas mais predominantes e antigas dentre estas certamente é a do Antigo Egito, um país mediterrâneo da África Setentrional, com seus elementos absolutamente únicos e uma complexidade que instiga a curiosidade daqueles aficionados por garimpar a história e a mitologia das épocas passadas.

Historiador e músico, Samuka, baixista e fundador da banda mineira Medjay é um desses admiradores confessos e entusiastas da cultura egípcia, permitindo que sua predileção por tal tema refletisse ampla e explicitamente em sua obra através do encanto da narrativa e da riqueza de sua musicalidade.



Sua carreira musical começou há cerca de nove anos, como integrante da banda Dynasty, onde permaneceu por aproximadamente cinco anos, gravou um disco e realizou uma turnê na Latino Americana, abrindo shows de bandas consagradas como Shaman, Korzus e Stryper. A banda Medjay começou a tomar forma em meados de 2018, quando estabilizou sua formação com um time de músicos experientes formado por Tiago Vitek (Sacrificed, Dynasty) na bateria, Freddy Daniels (Brave e Helltown) na guitarra e Phil Lima (Back n' Vocals, ex-Dynamo) nos vocais e guitarra, além do já citado

VITROLA DE ORFEU



baixista, Samuka Vilaça.

O nome **Medjay**, como seria de se esperar, faz alusão a História do Egito Antigo. Os **Medjay** foram um povo guerreiro que habitavam a região do que hoje corresponde ao Sudão do Sul, e que ao longo dos anos se tornaram a guarda real dos Faraós. **Medjay**, numa tradução literal, significa Guerreiros do Senhor (Faraó), mas que também leva ao entendimento definido pela banda no sentido de um espírito de coragem e luta que está presente em toda a história humana, por isso, em cada lugar que há um povo guerreiro, ali os **Medjay** se fazem presentes. Diante deste contexto, a banda passa a tratar os **Medjay** através de um único guerreiro, que leva o nome de Bakari - que significa "Aquele que triunfará" - envolvendo sua saga de mortes e guerras com as passagens da mitologia e do panteão egípcios.

A própria identidade visual da **Medjay** reflete suas influências imediatas, podendo se observar desde a logo da banda, onde a letra **M** e a letra **A** foram mantidas maiúsculas propositalmente para fazer referência às três pirâmides do

Egito. Na letra **A** foram colocados dois círculos, sendo um maior e o outro menor, para representar o nascer e o pôr do sol. O sol também é o deus **Rá**, a principal divindade da religião egípcia, representando assim o Deus Sol (**Rá**) em sua dualidade, nascer do sol e pôr do sol iluminando as pirâmides que representam um reino defendido pelo **Medjay**.

É importante salientar que todos os aspectos das histórias e os contos presentes nas músicas da **Medjay** são fictícios, parafraseando a História, mas tomando a licença poética de contá-la à sua própria maneira, sem, é claro, desrespeitar de maneira alguma o que nos relatam as autoridades da Antiguidade, preservando assim a poesia das narrativas sem se propor a ater à literalidade de eruditos, filósofos ou teólogos, tornando-a mais apreciativa e contemplativa do que informativa, necessariamente, tal qual corresponde o principal desígnio da arte.

VITROLA DE ORFEU



Em seu EP de estreia, “Sandstorm”, todos os desdobramentos desta inspiração manifesta da banda transformam-se em música, fazendo-se presente em todos os sete temas do álbum. Sandstorm, ou tempestade de areia, é o nome dado a um fenômeno da natureza conhecido como litometeoros e que ocorre quando a umidade relativa do ar é mais baixa que 80%. No EP, esse fenômeno serviu de inspiração à banda acerca de um acontecimento no Egito em 2011, surgindo à revolução do Nilo e se juntando à chamada Primavera Árabe. A revolução no campo político do mundo Árabe foi como uma tempestade que varreu do poder a tirania, iniciando uma nova perspectiva de liberdade e justiça social.

A introdução do álbum, “Egyptian Beast”, evoca uma sonoridade tipicamente egípcia e a faixa que carrega o nome da banda retrata a luta que Medjay trava para controlar sua natureza selvagem. Nesse aspec-

to, a banda toma por referência o conceito de Thomas Hobbes, que diz que “O Homem é o Lobo do Homem”.

“Death in the House of Horus” é uma composição poderosa com uma pegada torrencial, que conta a saga de um Medjay feroz e implacável, mestre da matança e do caos, que ao se tornar discípulo de Anúbis, o Deus da morte, tornou-se invencível. Medjay é chamado à casa de Hórus por Hator, Deusa do amor, incumbida da tentativa de aplacar sua saga irrefutável de sangue e ódio, inspirando-lhe bons sentimentos através de sua conduta afetuosa, mas ele rejeitou o seu amor, e tomado de ódio e fúria estarrecedores, colocou fogo na casa de Hórus, matando a Deusa Hator queimada viva.

*“He did not accept her love
Medjay without mercy fear or soul
At the house of horus forgiveness won't
find
Nowhere to hide, you'd better run for
your life!”*

A casa de Hórus permaneceu triste e sem vida com a partida de sua rainha, Hator. Hórus, completamente tomado

VITROLA DE ORFEU



de raiva, decide vingar a morte de sua amada em “Revenge of Hours”, punindo o Medjay com um ritual de tortura onde o trancou vivo em um sarcófago cheio de Escaravelhos, deliciando-se com seu sofrimento. A sonoridade da canção acompanha a fúria primitiva e obstinada de Hórus, à medida que cresce e se torna severa e grandiosa, da mesma maneira que retorna aos lamentos dolorosos da perda de sua amada expressos pelos vocais sopranos encantadores de Marília Zangrandi.

*“After the fire, bleeding is my heart
Deep in my soul, anger and pain
Fight fire with fire, you’ll feel my wrath
You killed my love, now I will torture
your soul!”*

“Rise of Glory” é uma composição em parceria com o ilustre guitarrista Rafael Bittencourt, fundador e líder do Angra. Seu ritmo frenético cavalga nas carruagens de fogo de um povo guerreiro que dia após dia, noite após noite, sob sóis escaldantes e madrugadas gélidas, retorna de suas batalhas com cicatrizes em seus corpos e almas. Medjay aqui começa

se apresentar como um soldado de guerra, enfurecido e cheio de ódio, *seu desejo de matar começa a tomar conta da sua alma.*

*“We return from the battle ALIVE
Legacy, the scars will sign
On our flags our names, Medjay,
Medjay...
On our flags our names, MEDJAY!”*

A canção que leva o título do álbum, “Sandstorm”, é uma homenagem à Marcha do povo Egípcio a ‘Al Midan” ou a praça Tahrir, no Cairo. Ela exalta a luta de um povo guerreiro que almejava justiça, pão e liberdade através do sangue de seu ancestral, Medjay. A praça se tornou um símbolo de sua força, pois ali deu-se início a uma longa história de lutas contra a tirania, mortes e resistência. Sua sonoridade épica marcha em ritmo marcial, flutuando esplendorosa entre diversos climas e ambientações, culminando numa passagem majestosa e emocionante, que retrata musicalmente toda a dor e o orgulho de uma nação que jamais se entrega e que juntos derramam sangue e lágrimas em busca de sua

VITROLA DE ORFEU



justiça. Os elementos da música árabe e as tessituras vocais criam um plano de fundo categórico para o desenrolar apoteótico da canção.

“The cowards will flee when they hear the shout (Hey!)

The struggle is bound to begin, enhance our defenses and strike

Under the flag of a nation, oppressors fall

Never give up there is hope, together as one”

“Lady of the Nile” é a inevitável balada que finaliza o disco com uma textura encantadora e comovente, com a participação da talentosíssima May Undead, vocalista da banda Torture Squad. Neste encerramento, Bakari (Medjay) é conduzido ao encontro de Nefertiti, rainha do sol, mãe dos Harens, às margens do Nilo, cenário perfeito de ermos e dunas de areia, para que ele se apaixone pela beleza da rainha. Teria ele encontrado redenção?

*“I’m Nefertiti, queen of the Sun
Mother of Harems, come cleanse your soul*

*Noble Bakari, warrior of the King
Your body’s broken, but here your spirit is free”*

“In the Valley of my soul

In the Valley I found my peace

In the valley

I found my love”

“Sandstorm” é um primeiro registro em estúdio majestoso, que antecipa o primeiro álbum completo da banda e nos deixa com inúmeras expectativas sobre as histórias de Medjay, criando um sentimento de que vale muito a pena adentrar a temática com mais minúcia, esperando por onde a banda nos conduzirá para narrar essa grandiosa passagem da mitologia egípcia.

“The blood we shed here, will lead to victory

Hear me now, we seek our justice and

We bring the Sandstorm, to honor our

brothers’ memory”.

VITROLA DE ORFEU



SOCIAL MEDIA – MEDJAY

INSTAGRAM:

@MEDJAY_OFFICIAL

YOUTUBE:

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/CHANNEL/
UCVIC07QYADOIVDXIDCJOGW](https://www.youtube.com/channel/UCVIC07QYADOIVDXIDCJOGW)

POWER METAL – OFFICIAL FAN CLUB:

@MEDJAYWARRIORS_FC

SOCIAL MEDIA – HELLYEAH MUSIC COMPANY:

INSTAGRAM:

@HELLYEAH_MUSIC

LINKTR.EE:

[HTTPS://LINKTR.EE/HELLYEAHMUSICC
OMPANY](https://linktr.ee/hellyeahmusiccompany)

HISTÓRIAS DA VÓ TIANA



HISTÓRIA: O Gorjala

CONTADOR: Luiz Júnior

Negro, com um olho só, gigante e de boca escancarada, este é o Gorjala. É muito comum no folclore do Norte e do Nordeste, principalmente nas serras e penhascos do Ceará e na Floresta Amazônica. Caçadores que se perdem no meio da mata são sua alimentação preferida – ele os coloca debaixo do braço e vai comendo, devagarinho.

O Gorjala nos remete imediatamente às lendas do folclore europeu, abasileirado pela presença do escravo brasileiro. “Gorjal” era uma palavra antiga para “garganta”, que se associa ao Gorjala por sua boca imensa e sua fome insaciável.

Muitas vezes confundido com o Mapinguari, é um dos gigantes primordiais do folclore brasileiro, que hoje começa a cair no esquecimento.

Abaixo, um trecho do conto Gorjala, presente na coletânea Corpo Seco e Outras Histórias:

Francesco surgiu na sala de Pós-Produção, segurando um sanduiche cortado ao meio e uma faca. Tentava colocar a salsicha da ponta da faca

para o pão, mas meio que sem sucesso. Viu Wesley parado, boquiaberto, olhando fixamente para a tela do PC. Ele se aproximou por trás de Wesley e apertou os olhos, para enxergar o que estava na tela. Era o momento exato em que Jamelão olhava para a câmera.

Porém, havia algo atrás dele. Por trás de uma árvore, próximo à entrada da gruta, havia um ser gigantesco, de um olho só, dentes protuberantes. Ele carregava alguma coisa debaixo do braço.

– A-aproxima mais esta imagem...

Gaguejou Francesco.

Mecanicamente, Wesley aumentou o zoom.

Os dois gelaram. Debaixo do braço havia um homem. Faltava um braço deste homem. Este braço estava na boca do Gorjala.

Gostou?

ESTE E OUTROS CONTOS ESTÃO NA COLETÂNEA CORPO SECO E OUTRAS HISTÓRIAS, DISPONÍVEL EM E-BOOK NA WWW.AMAZON.COM.BR.

ARQUIVOS DE LOKI

SÉRIE: Loki

AUTOR: Michael Waldrom

POR MARCO STIER

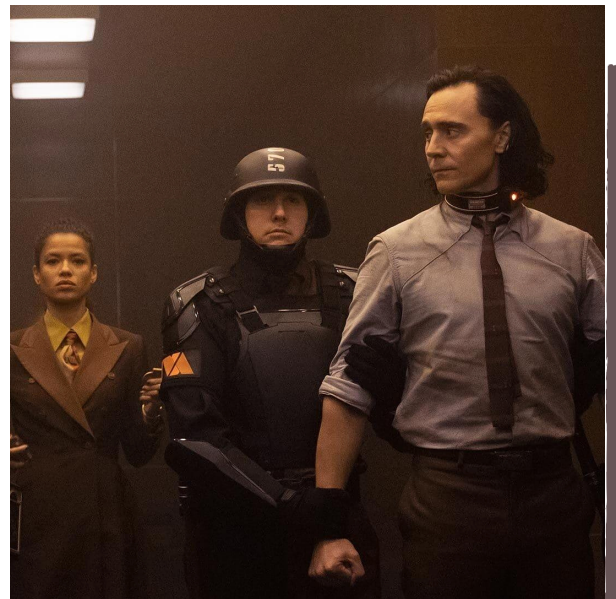
É com imenso prazer que escrevo essa resenha, sendo um "Nerd", apreciador de HQs e também de Mitologia Nórdica.

A maioria sabe (ou não) que "O Poderoso Thor" (HQ na qual Loki foi introduzido) é inspirada na Mitologia Nórdica.

Stan Lee e Jack Kirby, os responsáveis pela criação dos personagens, não foram os únicos a introduzir "mitos" para a cultura Pop. Temos "Deuses Americanos", de Neil Gaiman, e, como não citar, J.R.R. Tolkien, com elementos claros do folclore germânico em "O Senhor dos Anéis" e "O Hobbit".

Loki fez sua primeira aparição em "Journey Into Mystery" na edição #85 de 1952, e desde então tem sido um vilão recorrente nas histórias da Marvel Comics.

Tratando-se de MCU (Marvel Cinematic Universe), temos sua primeira aparição em "Thor", de 2011,



intepretado por Tom Hiddleston, como um personagem coadjuvante, mas foi em "The Avengers - Os Vingadores" que Loki assume o papel de principal antagonista do MCU pela primeira vez.

Na trama, temos a épica Batalha de Nova York, onde Loki é acompanhado por um exército de Chitauri (invasores alienígenas), em busca da dominação do planeta. Trama, inclusive, que revemos em "Os Vingadores - Ultimato", onde os Vingadores embarcam em uma viagem ao passado em busca das Joias do Infinito. Como no primeiro filme, revemos a prisão de Loki, após

ARQUIVOS DE LOKI



um hilária "surra" aplicada pelo personagem Hulk, porém, com a intervenção dos Vingadores da linha do tempo atual, as coisas acabam ficando um pouco diferentes. Loki acidentalmente tem acesso ao Cubo Cósmico ou "Tesseract", e é aí que a trama da série começa...

Sinto a necessidade de informar que a partir de agora, entrarei na série em si, e, conseqüentemente, haverá muitos "Spoilers". Então, esteja avisado/a, não pretendo estragar a experiência de vocês, assim como não gostaria que estragassem a minha.

Vemos Loki aterissando em uma região inóspita, após se "teletransportar" com o Tesseract. Na cena, somos apresentados a AVT (Autoridade de Variação Temporal), agência que, no decorrer da série, descobrimos que tem a função de manter apenas uma única linha temporal, a "Linha do Tempo Sagrada".

Para abordarmos a Linha do Tempo Sagrada, devemos entender o conceito de "Multiverso", tema recorrente no universo das HQs, tanto na Marvel

como na DC Comics. O Multiverso foi introduzido pelos autores Jack Kirby e Steve Ditko, por volta dos anos 1970, em "What If" (série que, inclusive, fará sua estreia após Loki, no Disney+), onde é explorada a possibilidade de haver outros mundos/realidades, porém, o MCU ainda não tinha apresentado esse conceito.

Na TVA somos apresentados a personagens interessantes, como Os Guardiões do Tempo, que são figurinhas carimbadas das HQs, com pequenas modificações no MCU (ainda vamos chegar neles). Temos Mobius, agente da AVT, interpretado por Owen Wilson, que acaba tendo uma relação próxima a Loki; temos "Sylvie", a versão de "Ladie Loki" (versão onde Loki é uma mulher), interpretada por Sophia Di Martino; e o mais importante e enigmático personagem da série, possível sucessor de Thanos ao trono de principal vilão do MCU, "Aquele Que Permanece", que para os "leigos" pode parecer apenas um personagem, porém, na série, trata-se da combinação de dois personagens -

ARQUIVOS DE LOKI



"Kang, o Conquistador", em sua versão "Imortus", onde trabalha para os Guardiões do Tempo, e "Aquele Que Permanece", único sobrevivente da "Guerra Multiversal", criador dos Guardiões do Tempo, e que tem o intuito de manter a ordem em diferentes linhas temporais.

Na trama, acompanhamos a transformação do protagonista Loki, que deixa de lado seu "Propósito Glorioso" e descobre o amor por sua "variante", Sylvie, termo definido como indivíduos que não seguiram sua linha do tempo sagrada, e, de alguma forma, burlaram esse sistema, em outras palavras, obtiveram o Livre Arbítrio, tema recorrente na série, no nosso cotidiano, nas religiões e em diversos momentos da história.

Em busca do responsável / criador / moderador da Linha de Tempo Sagrada, Loki e Sylvie acabam indo parar em um lugar chamado "O Vazio", onde são descartadas realidades, objetos e variantes. Logo eles percebem que o lugar está repleto por outras versões de Loki, e que, justamente por lá, alcançariam a morada do verdadeiro responsável pela AVT, o "Aquele Que Permanece".

Na versão do MCU, o criador da AVT, "Aquele Que Permanece", interpretado por Jonathan Majors, é o criador dos Guardiões do Tempo, que, por sua vez, eram apenas robôs, símbolos para os funcionários da AVT seguirem.

"Aquele que Permanece" nos apresenta o conceito de Multiverso e Guerras Multiversais, sendo ele a versão sobrevivente, explicando como tudo começou, e, assim, definindo a ideia de Multiverso, que provavelmente vamos acompanhar nos próximos anos do MCU.

Nathaniel Richards, nome civil do "Aquele Que Permanece", é um cientista do século 31 que faz a descoberta do multiverso, e, assim, de suas outras versões ou variantes, que também chegam à mesma conclusão, iniciando, assim, As Guerras Multiversais, ou como são chamadas nas HQs: "Guerras Secretas", saga escrita por Jim Shooter, de Maio de 1984 a Abril de 1985. Assim como Guerra Infinita, Guerra Civil e Era de Ultron, que foram adaptações de sucesso, Guer-

ARQUIVOS DE LOKI

ras Secretas e Invasões Secretas provavelmente serão adaptadas para mais um dos arcos da Marvel Comics.

Ao final da série, após a cena clássica do vilão "Aquele Que Permanece" sendo derrotado por Sylvie, vemos o exato momento da criação do multiverso no MCU.

A série Loki possui vários detalhes e tramas envolventes, e eu, tanto como fã da Marvel Comics e do MCU, como amante da cultura Nórdica, do Paganismo Nórdico e Asatru Vanatru, encontrei referências na cena onde Loki é preso a um looping temporal e cortou o cabelo de Lady Sif (história encontrada nas sagas nórdicas), e também no momento em que são criados artefatos, como o famoso Mjöltnir (Martelo de Thor) e Gungnir (Lança de Odin), conhecidos pelos fissurados por esse universo. Também surgem questionamentos, como: "Esse seria o reino de Hell?". Espero que todos assistam e tenham, assim como eu, boas experiências.

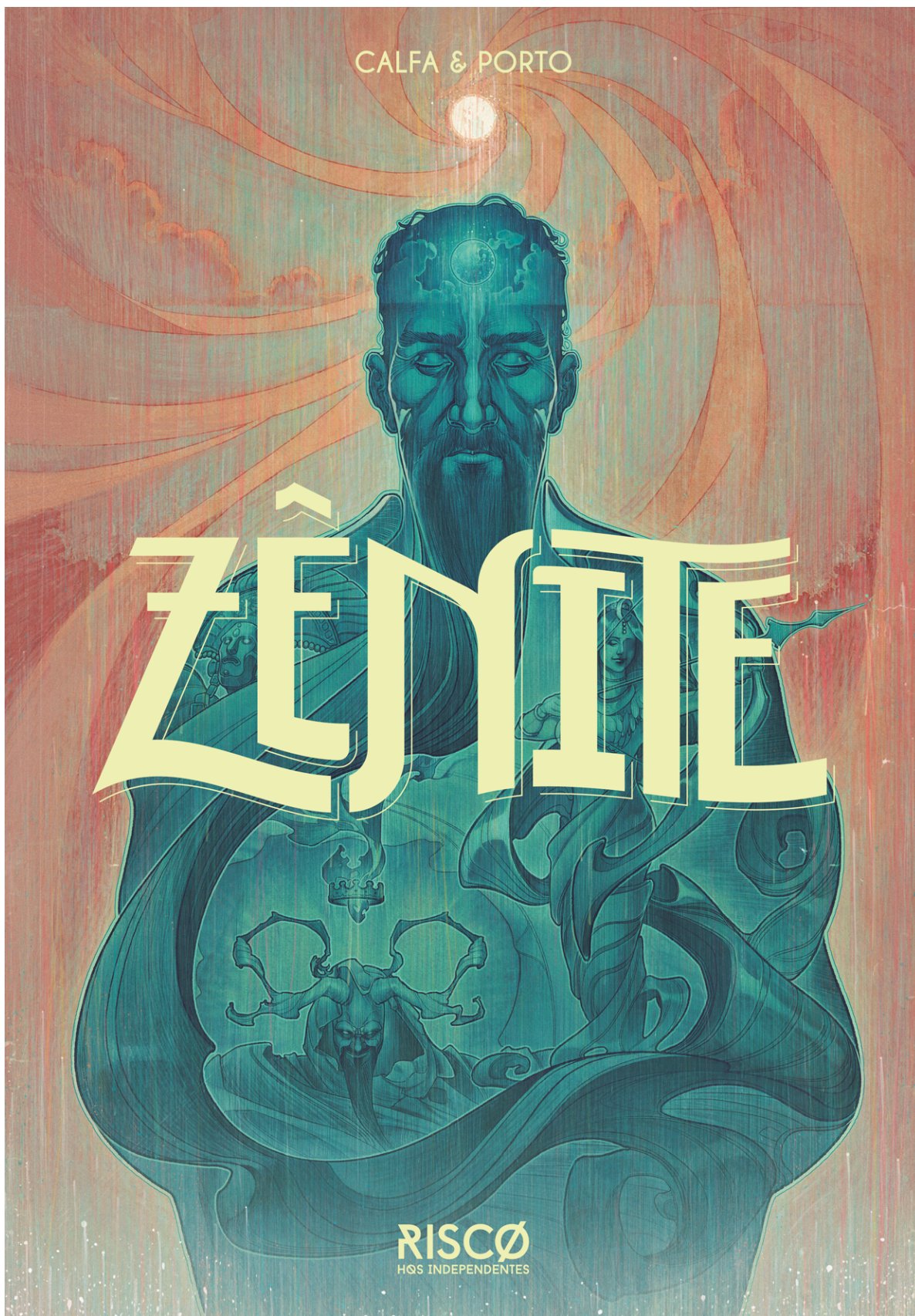
Agradeço ao convite da Larissa Dias, que após uma breve "pesca" em um grupo de whatsapp do qual participamos, chamado Área Nórdica,



percebeu um Nerd em potencial para participar da revista. Como disse no início da resenha, para mim é um grande prazer contribuir com essa combinação de universos (Marvel e Mitologia Nórdica) que me encantam cada vez mais.

*** **NOTA DA EDITORA:** Marco participa do grupo "Área Nórdica", cujos criadores também já participaram da Revista Eletrônica Mitologia Aberta, com uma resenha incrível da série "Vikings!"

SAIBA MAIS SOBRE O AUTOR NA
SESSÃO PANTEÃO DE COLABORADORES

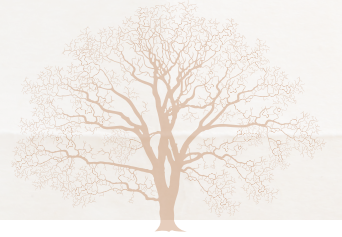


CALFA & PORTO

ZENITE

RISCO
HQS INDEPENDENTES

A NONA ÁRVORE



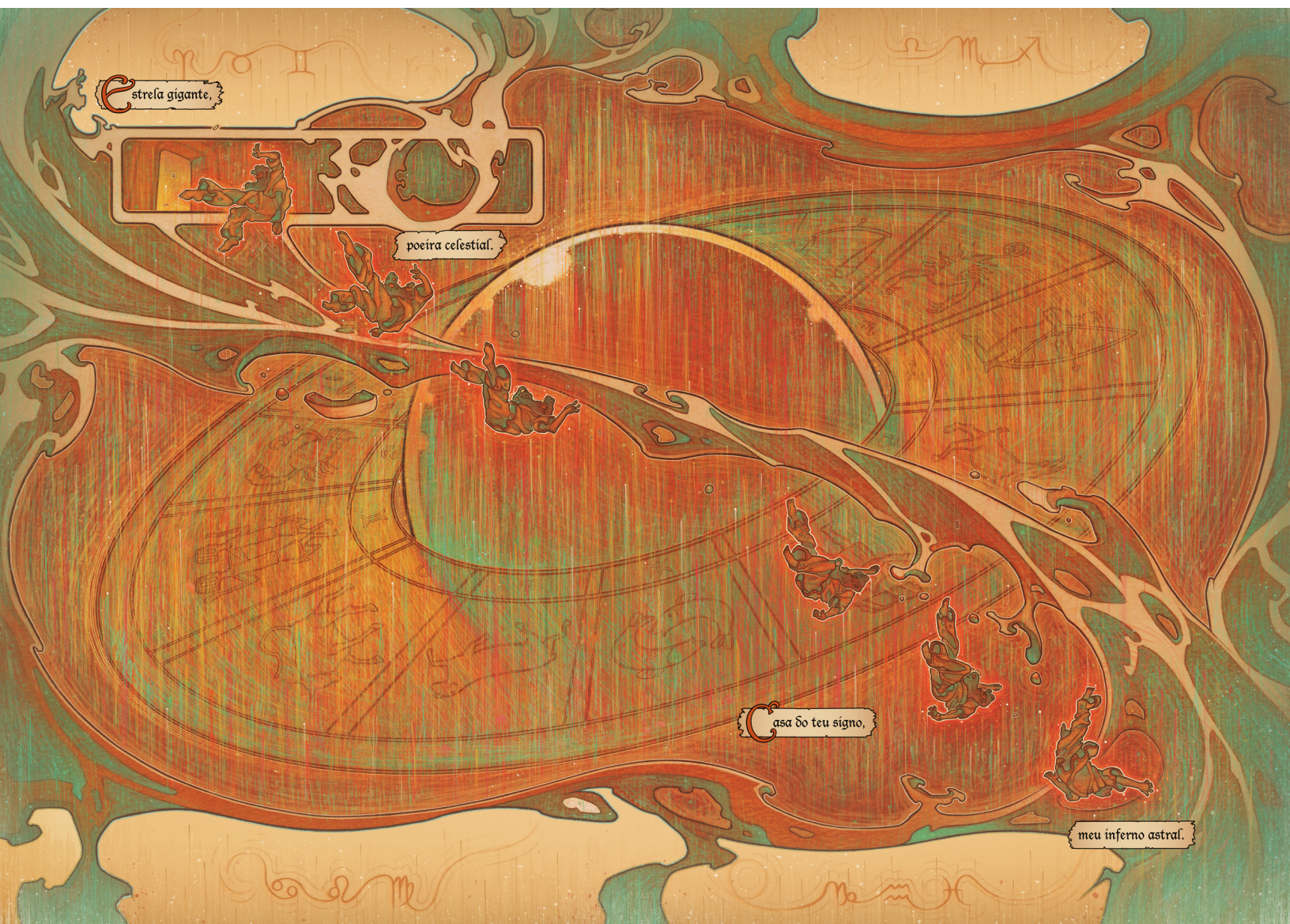
Lâmpada mágica,

queima-me a pele,

sem teto, sem fio,

aquece-te no frio.

A NONA ÁRVORE



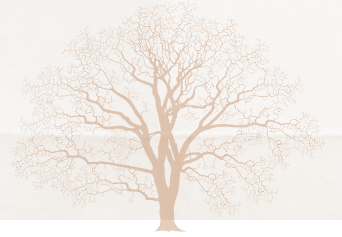
Estrela gigante.

poeira celestial.

Casa do teu signo,

meu inferno astral.

A NONA ÁRVORE



A sombra espero
a sombra que quero.

Quando cegar o azul,
a Deusa que venero.

A NONA ÁRVORE



GABRIEL CALFA - DIEGO PORTO

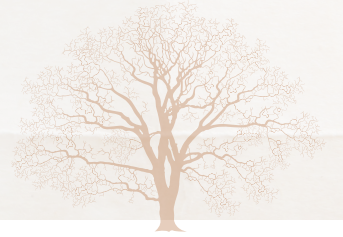


“ Escrita a partir do poema homônimo de Gabriel Calfa, *Zênite* é uma história em quadrinhos do gênero fantasia, sobre os delírios de um homem atormentado pelo Sol e sua angustiante busca por segurança e abrigo no refúgio da noite. A trama, repleta de referências mitológicas, ganha tons de psicodelia sob o traço rebuscado e fluido de Diego Porto, através de técnicas mistas de pintura. *Zênite* é o que estamos chamando de poema gráfico, uma experimentação, desde o roteiro até a narrativa visual de Diego Porto, que não se prende a fórmulas. Além do quadrinho, a história rendeu uma linha de produtos, entre eles sacola egobag, marcador de páginas, adesivos e blocos de anotações.

Gabriel Calfa é Diretor de arte, iniciou os projetos em quadrinhos como colorista da minissérie *Dias Estranhos* (2016), desde então colaborou em diversas outras publicações criando projetos gráficos. Em 2018 estreou como roteirista com a graphic novel *Káros*, indicada ao Troféu HQ Mix de melhor publicação independente edição única, tendo seu segundo título, *Jugular* (2019), sido realizado por meio de financiamento coletivo no Catarse. Sua veia autoral destaca-se na intensidade com que trabalha os arcos de seus protagonistas atormentados.

Diego Porto é ilustrador, teve seu primeiro trabalho nos quadrinhos com a minissérie *Dias Estranhos* (2016). Sua arte chama atenção pela mescla de elementos dos comics americanos com influências do mangá, reunidos sob o filtro inconfundível da art-nouveau. Em *Zênite* seremos introduzidos a suas habilidades como colorista, utilizando técnicas tradicionais de pintura com intervenções digitais, em busca do primor que norteia suas obras.

A NONA ÁRVORE



A editora **RISCØ** é formada por Gabriel Calfa, Diego Porto e Marcus Leopoldino, o selo já lançou sete títulos, entre eles duas minisséries (Dias Estranhos e Andarilho), as one-shots Káros e Jugular e o primeiro volume da antologia Risco. Sempre derivando entre o terror e a fantasia, com narrativas lísergicas e dramáticas. ”

Zênite e os outros títulos da RISCØ podem ser adquiridos no site da editora: www.riscohq.com

*** **NOTA DA EDITORA:** Gabriel e Diego gentilmente cederam partes da HQ Zênite, que traz uma sensibilidade incrível na combinação da arte e texto, para nos apresentar essa maravilhosa obra da Nona Arte!

SAIBA MAIS SOBRE A AUTORA NA
SESSÃO PANTEÃO DE COLABORADORES



**curso,
palestras,
eventos...**

SET_OUT 2021

Formação em Astrologia

Uma formação ética, que te ajudará a auxiliar ao próximo, respeitando as leis cósmicas!

- ✓ Aulas semanais
- ✓ Aulas individuais e personalizadas
- ✓ Aulas online
- ✓ Apostilado e com MUITOS exercícios
- ✓ 3 módulos
- ✓ Módulos de formação extracurricular: Sinastria, Horária, Mundial, Horóscopos
- ✓ Mitologia e Astrologia

Saiba mais com Luiz Junior

WhatsApp **11 98721-9413**



SET 2021

Curso teórico-vivencial *on line* (pelo Zoom)



O CAMINHO DA HEROÍNA E AS DEUSAS EM ARTETERAPIA



com Patrícia Pinna Bernardo e Oneide R. Depret

**3ª f das 20:30 às 22:30hs (12 aulas semanais)
Início: 14/09 - aula aberta gratuita**

Informações e inscrições: whatsapp **11 99136-4430**



Programa:

- O caminho do herói e da heroína
- A Grande Mãe
- Trabalhando com as deusas em Arteterapia: Afrodite, Deméter, Perséfone, Ártemis, Hécate, Íris, Métis e deusas menores, Atena, Hera, Héstia,



SET 2021

Curso teórico-vivencial pelo Zoom

EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA CRIATIVA

na Arteterapia, Contos de Fadas e Mitos de Criação

3ª f das 15 às 16:30hs (12 aulas semanais)

Início: 14/09 - aula aberta gratuita

Programa:

- Mitos de Criação - simbolismo e sua utilização nos antigos rituais de iniciação e cura
 - Dinâmica e passos dos processos criadores
 - A criatividade nos contos de fadas
- Arteterapia e expansão da consciência criativa

com: Patrícia Pinna Bernardo

Pós-dra em Mitologia Criativa e Arteterapia. Psicóloga. Arteterapeuta.

Inscrições: whatsapp 11 99136-4430



SET 2021

Curso teórico-vivencial *on line* (pelo Zoom)

★ MAHA LILAH

O JOGO DO AUTOCONHECIMENTO

5ª f das 20:30 às 22hs (12 aulas semanais)

Início: 16/09 - aula aberta gratuita



Maha Lilah é um jogo-oráculo milenar indiano, baseado na sincronicidade, que conecta o nosso pequeno e grande Eu (ego-Self) numa jornada que visa a expansão da consciência. Nesse curso abordaremos cada casa do jogo, elucidando seus desafios e oportunidades de crescimento, e como trabalhar com essas questões através de recursos em Arteterapia. As 72 casas do jogo estão distribuídas em 8 linhas, que correspondem a chakras e dimensões psíquicas correspondentes.

com: **Patrícia Pinna Bernardo**

Pós-dra em Mitologia Criativa e Arteterapia. Psicóloga. Arteterapeuta.

Inscrições: whatsapp 11 99136-4430



SET 2021

19/09 **14:00**

PALESTRA ONLINE - SKYPE

SOL & MANI
OS PODERES DIVINOS ASTRAIS



COM O ESCRITOR E TRADUTOR **ALLAN MARANTE**
AUTOR DE LIVROS SOBRE PAGANISMO NÓRDICO E RUNOLOGIA
INICIATIVA CAMINHO NÓRDICO - GRUPO DE ESTUDOS



19 de Setembro - 14h - R\$30,00
Transmissão ao vivo via Skype
www.facebook.com/caminhonordico



17/10 **14:00**

PALESTRA ONLINE - SKYPE

BRAGI
O SENHOR DOS POETAS



COM O ESCRITOR E TRADUTOR **ALLAN MARANTE**
AUTOR DE LIVROS SOBRE PAGANISMO NÓRDICO E RUNOLOGIA
INICIATIVA CAMINHO NÓRDICO - GRUPO DE ESTUDOS



17 de Outubro - 14h - R\$30,00
Transmissão ao vivo via Skype
www.facebook.com/caminhonordico





SET 2021

22 de setembro
MALAGHETA

lançamento do show Ritual
Uma homenagem ao Sagrado Feminino

Lançamento Online às 22h no Canal Malaheta Rock Tribal

SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria de Cultura e Economia Criativa

YouTube

**Bom
Proveito!**

PANTEÃO DE COLABORADORES



LARISSA DIAS

EDITORA, IDEALIZADORA E COLABORADORA DE ARTIGOS

Larissa Dias é uma paulistana apaixonada por mitologia. Psicoterapeuta e Orientadora Profissional, atua com a mitologia em todos os seus processos.

É Socióloga, com formação nas áreas de Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica, Psicoterapia Junguiana e Recursos Humanos.

Atuando por mais de 15 anos no mundo corporativo, descobriu nos atendimentos de psicoterapia e orientação profissional essa nova e incrível vocação. Criadora do método "Jornada Vocacional", um jogo que atua com a jornada do herói, mitos, e contos para a descoberta da vocação. Também é associada à ABOP (Associação Brasileira de Orientação Profissional) e certificada pela Escola Eneagrama de Khristian Paterhan. Já atuou como professora de Mitologia na Pós-Graduação de Mitologia Criativa e Mitodrama, da UNIP - SP.

Autora dos Livros: "O Sopro de Vênus - Contos Eróticos-Mitológicos" e "A Música do Universo - Uma Jornada Mítica, Musical e Psicológica".



www.larissadiaspsico.com.br

larissa@larissadiaspsico.com.br

FÁBIA LUCAS

REVISORA DE TEXTO

Revisora de textos - Conteudista - Professora de Português e Inglês – Licenciada em Letras português-inglês; Especialista em Metodologias do Ensino de Português para Estrangeiros; Concluindo o último semestre de Pedagogia em julho de 2021. Lecionou para turmas do ensino médio de escola estadual em São Paulo; atualmente é professora voluntária de português para estrangeiros na Missão Paz e membro da equipe que elaborou o conteúdo da apostila virtual no ano de 2020, além dos trabalhos com revisão de livros, artigos e textos acadêmicos.

Ainda na infância teve contato com a antiga Coleção Mitologia, publicada pela Editora Abril na década de 1970, cujas histórias despertaram o amor pela leitura. Já adolescente, conheceu os mistérios do Tarot. Além disso, como dançarina encontrou nas danças árabes e ciganas grande amor e motivação para conhecer outras línguas, culturas e religiões, rompendo barreiras de preconceitos e ajudando outros a despertar para as línguas, e, por meio delas, recuperar a liberdade, a dignidade e a autonomia.



Instagram: [@fabia.luca](https://www.instagram.com/fabia.luca)

E-mail: facaroli@yahoo.com.br

Linkedin: <https://www.linkedin.com/in/fábيا-carolina-lucas-3183011a2>

PANTEÃO DE COLABORADORES



ROSANGELA FILIPPO

COLABORADORA DE ARTIGOS



Sou graduada em Engenharia Química pela Faculdade de Engenharia Química de Lorena – USP e em Pedagogia pela UNIFRAN. Com pós-graduação em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana pela FIOCRUZ/RJ, Vigilância Ambiental pela UFRJ/RJ, Gestão das Condições de Trabalho e Saúde dos Trabalhadores da Saúde – MS/UFMG, Arteterapia pelo NAPE São José dos Campos e Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica pela UNIP/SP. Sou Arteterapeuta no Instituto de Arteterapia de Guaratinguetá/SP (IAGUA). O principal mister da instituição são atividades de práticas integrativas e complementares em saúde humana. Estudante de pós-graduação em Psicopedagogia e Neurociências, educação e práticas pedagógicas pela UNISAL/SP.

Contato: rfilippo@gmail.com

BRUNO FEITOSA

COLABORADOR DE ARTIGOS



Possui graduação em Letras - Português e Inglês pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2018) Mestrando em Letras - Programa de Pós Graduação - pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2020), cuja a linha de pesquisa é Análise do Discurso Francesa e Quadrinhos. É professor contratado da rede de ensino Estadual de Goiás - Colégio Estadual Coelho Neto - Itarumã - GO. E pesquisador do Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (NuPeQ-UEMS), e Membro do ASPAS - Associação dos Pesquisadores em arte Sequencial. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Literatura.

E-mail: bruno.feitosa@outlook.com

PANTEÃO DE COLABORADORES



ADRIANA GONÇALVES DE FREITAS COLABORADORA DE ARTIGOS

Nasceu em São Paulo, Zona Leste, é contadora de histórias e Professora de filosofia na rede estadual de São Paulo.



Cientista da Religião pelas Faculdades Integradas Claretiana de São Paulo e licenciada em Filosofia pela UNIFAI - Vila Mariana. Pós graduada em Educação pela PUC-SP e em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia analítica pela UNIP- Vergueiro. Trabalha com Contação de mitos, contos e histórias em suas aulas de filosofia e ama mitologia. Criadora da página Café Filosófico, no Facebook, que aborda a filosofia por meio de contação de histórias e mitos para interessados no tema:

<https://www.facebook.com/groups/265668807998921/about>
freitas2020agf@gmail.com

MARCOS FERREIRA-SANTOS COLABORADOR DE ARTIGOS



Jardineiro, artesão, cultivador de bonsai tropical e penjing, folklorista, arte-educador. semeador de sumak kawsay, pan-africanismo e filosofias ancestrais...

Professor de mitologia em várias universidades na Espanha e América Latina, com investigações e intervenções poéticas em mito, música & iniciação nas comunidades tradicionais e povos originários há mais de quatro décadas se orienta pelas pensadoras e pensadores do “círculo de eranos” (Ascona, 1927-1988), primeiro grupo interdisciplinar de mitologia, antropologia simbólica e mitohermenêutica; assim como é influenciado pela “antropologia da pessoa” (Nikolay Berdyaev, Emmanouel Mounier, Paul Ricoeur, Jean Cocteau, Annie Besant, etc)

Youtube: [youtube.com/c/MarcosFerreiraSantosoficial-mito_musica/videos](https://www.youtube.com/c/MarcosFerreiraSantosoficial-mito_musica/videos)
www.marcosfe.net / E-Mail: marcosfe@usp.br

PANTEÃO DE COLABORADORES



DANIEL KRONENBERG GLEZER

COLABORADOR DE ARTIGOS

Ator e palhaço, formado pela Escola de Arte Dramática (ECA/USP), e Bacharêu em Direito pela Universidade Mackenzie-SP.

Atuou em mais de 30 espetáculos de teatro, para crianças e adultos, dentre eles “O Santo Inquérito” (2002), “O Corcunda de Notre Dame” (2005), “Sonho de uma noite de verão” (2006), “Tartufo” de Moliere (2007), “Bodas de Sangue” (2007), “As três irmãs” (2008), “No papel da vítima” (2009), “O diabo de tetas” (2009), “É proibido miar” (2011), “O Rei Leão,” da Disney (2014), “O aniversário da infanta” (2016), “O compositor delirante” (2017), “Sobre ratos e homens” (2017) e “O inspetor geral” (2018).

Assistente de direção no projeto Poeta em Cena, em parceria com a Casa das Rosas, da Secretaria de Cultura do Estado, e do espetáculo musical infantil ‘É proibido miar’.

Na tv, atuou na série de comédia “Na Batalha” (2012), e na minissérie ‘A Teia’; da TV Globo (2013).

Em cinema, atuou em alguns curta-metragens, como “Uma por Cabeça” e “Ao gosto de Augusto” (2008), “Quatro paredes” (2009), “Ressaca” (2010) e “Melpomene” (2015).

Escreveu e atua no monólogo teatral ‘O compositor delirante’, inspirado na vida e obra do compositor Beethoven. Outras dramaturgias ainda inéditas: “À deriva” e “Idealistas revolucionários”, bem como o romance também inédito, ‘A síndrome do pequeno poder’, e outros contos.

DKG Soluções Lúdicas – voltada ao mercado corporativo. Produtos e serviços lúdicos para treinamento, desenvolvimento e comunicação, além da realização de produção jurídico para diversos projetos teatrais.

Programas Audiovisuais na Internet: “Seu Molina Entrevista”, “Autofilosofagem”, “Filosofia Mastigada Engolida” - (www.youtube.com/seumolina) e, no Instagram, “Seu Molina em: Gráficos da Vida Real na Pandemia”.



MARCO STIER

COLABORADOR - OBRAS CINEMATOGRAFICAS

me chamo Marco, tenho 30 anos e sou natural da cidade de Curitiba. Sou Barbeiro, Tatuador, Modelo, Skatista Amador desde 2000, companheiro da Luana, pai de Pet da Gamora, nome que mostra que existe algum nerd nessa família. Fã antigo de HQs, as coleciono desde que me entendo por gente, adoro ver os “live actions” onde estas histórias ganham vida. Sou também um grande curioso em diversas áreas da vida, em uma delas cheguei ao Paganismo Nórdico, sua magia e suas sagas já fazem parte de mim e já estão em minha pele, como tatuagem. Essa é minha primeira resenha para uma revista, fiquei muito feliz pelo convite e espero contribuir sempre que possível.

marcostierms@gmail.com

Fone: (41) 98492-6030

Insgram: @marcostier



PANTEÃO DE COLABORADORES



GABRIEL CALFA COLABORADOR ARTISTO



Gabriel Calfa é Diretor de Arte. Iniciou os projetos em quadrinhos como colorista da minissérie Dias Estranhos (2016) e desde então colaborou em diversas outras publicações, criando projetos gráficos. Em 2018 estreou como roteirista com a graphic novel Káros, indicada ao Troféu HQ Mix de melhor publicação independente edição única, tendo seu segundo título, Jugular (2019), sido realizado por meio de financiamento coletivo aqui no Catarse. Sua veia autoral destaca-se na intensidade com que trabalha os arcos de seus protagonistas atormentados.

e-mail: riscoghq@gmail.com

DIEGO PORTO COLABORADOR ARTÍSTICO



Diego Porto é ilustrador. Teve seu primeiro trabalho nos quadrinhos com a minissérie Dias Estranhos (2016). Sua arte chama atenção pela mescla de elementos dos comics americanos com influências de mangá, reunidos sob o filtro inconfundível da art-nouveau. Em Zênite, seremos introduzidos às suas habilidades como colorista, utilizando técnicas tradicionais de pintura com intervenções digitais, em busca do primor que norteia suas obras.

e-mail: riscoghq@gmail.com

JADE SKRABE - MALAGHETA COLABORADORA MUSICAL



Jade Skrabe é cantora e compositora. Na figura da Bruxa, personagem representado por ela na em sua banda Malagheta, traz canções que motivam mulheres a assumirem um papel de relevância e liderança na sociedade, como pessoas livres, donas de si e dos seus caminhos.

Instagram: [Instagram: @jadeskrabeoficial](https://www.instagram.com/jadeskrabeoficial)

Youtube: https://www.youtube.com/channel/UCQwW9GGTDloAd_mYdUkjj9g

PANTEÃO DE COLABORADORES



LUIZ JÚNIOR COLABORADOR LITERÁRIO



Luiz Junior é formado em Design de Produtos pela Universidade Mackenzie e em Geografia pela Universidade de São Paulo/USP, com extensão em Arqueologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, além de Pós Graduado em Mitologia Criativa, Contos de Fadas e Psicologia Analítica pela UNIP/SP e em Gestão Estratégica de Marketing pela FAMART/MG. Atualmente faz MBA em Gestão de Projetos e Metodologia Ágeis pela Exame Academy e estuda Liderança na Fundação Dom Cabral. É estudante de astrologia desde 2010 e astrólogo desde 2012, tendo atendido mais de três centenas de pessoas. Ministra cursos de astrologia on-line. É especialista em previsões e interpretações, e fez sua formação na Escola Gaia de Astrologia, em São Paulo. Faz pesquisas periódicas nos campos de Astrologia e Vibrações e das Qualidades Primordiais da Astrologia. Elabora o horóscopo diário para o Jornal Cotia Agora e para empresas em São Paulo e no Brasil. É escritor, com livros lançados na Europa e no Brasil – são dele os livros "O Templo da Magia", "O Livro de Luaror" e "O Pergaminho de Lemanto", entre outros. Pesquisa e escreve sobre Mitos e Lendas brasileiras, tendo lançado o livro "Corpo Seco e Outras Histórias", disponível na Amazon.

www.oraculosemisterios.com.br // www.escritorluizjunior.com.br // (11) 98721-9413

ÉRICA DIAS TRADUTORA, REVISORA DE MÍDIAS SOCIAIS E ADMINISTRADORA DO CANAL DA REVISTA MITOLOGIA ABERTA NO YOUTUBE



Formada em Secretariado Executivo Bilingue, Érica atua com finanças e recursos humanos há mais de 10 anos, possui certificação de RH Business Partner pela FGV e Pós Graduação de Finanças pela Unisa.

Tradutora e revisora dos textos bilíngues e das mídias sociais.

E-mail: dias.ERICA14@gmail.com

PANTEÃO DE COLABORADORES



LUIS F. RIBEIRO (HELL YEAH)

COLABORADOR MUSICAL



A Hell Yeah Music Company surgiu em 2020 a partir do sonho de dois amigos, Luis Fernando Ribeiro e Leandro Abrantes, que se conheceram há 15 anos por meio do Heavy Metal e tomaram-no como trilha sonora de suas vidas e matéria prima de sua arte. Respeito, valorização, criatividade e amor pelo que fazemos são nossos pilares.

A #HYMC nasceu para quebrar padrões, ignorar estereótipos e dar suporte às bandas brasileiras que compartilham do mesmo sonho que nós. Baseada em Florianópolis, SC, a Hell Yeah atende bandas de todo o Brasil e de Portugal. Hell Yeah Music Company, música como experiência.

Instagram: @hellyeahmusiccompany // LinkedIn: <https://linktr.ee/hellyeahmusiccompany> // (48) 99815-6284

JÉSSICA DIAS - ALPHA CENTAURI

MÍDIAS SOCIAIS E ILUSTRAÇÃO DA CONTRACAPA



Sócia da empresa Alpha Centauri BI, Tecnologia e Desenvolvimento. Tem como lema a melhoria contínua em todo trabalho que participa, levando sua criatividade e inovação.

É paulista, formada em Gestão Ambiental, com ênfase em licenciamento ambiental e sensoriamento remoto. Apaixonada por Ciências Mortuárias, Natureza, Artes e Música contribui com a edição de artes das mídias sociais.

E-mail: jessica@alphacentauritecnologia.com.br

Site: <https://www.alphacentauritecnologia.com.br/>

AGRADECIMENTOS

Prezado Leitor Mitológico,

Em primeiro lugar, eu gostaria muito de agradecer ao universo e a todos os colaboradores e leitores, pois a Nossa Revista chegou à sétima edição! Nestes dois meses senti muita falta de fazer a publicação mensal, porém creio que por isso, o nosso Canal no Youtube chegou em boa hora!

As mitologias do mundo todo apresentam a necessidade do MOVIMENTO. Isto é simbolizado pelos símbolos circulares, pelos ciclos, pelas estações do ano, pelas fases da lua, etc. Movimentar é seguir o caminho, e por isso acredito que temos caminhado de forma bela pelos desafios da vida!

Assim, agradeço à Rosângela, que nos brindou com um artigo muito interessante, relacionando o símbolo da deusa tríplice com o conto da Chapeuzinho Vermelho, bem como à Adriana, que nos trouxe um banquete de conhecimento com o seu artigo sobre Diotima, além de nos prestigiar com sua presença na nossa #Live1 no Youtube. Agradeço ao Bruno, que nos trouxe de forma sábia um artigo sobre Thor, velho conhecido da nossa revista! Agradeço ao professor Marcos, sempre tão doador de conhecimento, com seu artigo sobre como mito e arte resistem as andanças da vida pela perspectiva da terra mátria. Além disso, agradeço ao Daniel pela segunda parte do artigo sobre a loucura, uma temática tão importante e necessária para desmistificar nossos preconceitos internos através do mito!

Agradeço ao Luiz Júnior por trazer mais um personagem muito interessante (e assustador!) para as Histórias da Vó Tiana, e por aceitar participar da #Live2 da Nossa Revista, assim como agradeço ao Luis, da Hell Yeah, pela incrível parceria de sempre, em uma produtora musical cada vez mais mitológica!

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao querido Maycon, por ter aceitado o desafio de criar uma capa mitológica especialmente para a Mitologia Aberta, e justo uma Quimera, um ser tão intrigante e fascinante ao mesmo tempo! Ele também ilustrou um belíssimo livro que trata da mitologia nacional, e por isso percebe-se como a mitologia reside na sua vida!

Agradeço ao Gabriel ao Diego, que nos cederam parte de sua HQ Zênite e que desde que receberam meu convite estiveram entusiasmados com a nossa revista! Pude adquirir seu belíssimo trabalho, e com a HQ em mãos, percebi que ela era de uma sensibilidade e profundidade sem tamanho!

E claro, agradeço sempre à querida Fábica Lucas, nossa revisora presente e cuidadosa, e também à maravilhosa Érica Dias, pela revisão e tradução das comunicações das mídias sociais. Também agradeço à incrível Jéssica Dias, que mesmo mudando de cidade continuou a fazer as nossas belas e criativas artes, que todos podem acompanhar durante o mês no Facebook e no Instagram, além de ter feito essa belíssima ilustração da contracapa!

Além disso, preciso fazer um agradecimento especial à Érica Dias e ao Ricardo Bajo por fazerem parte da equipe que faz com que aconteçam as nossas lives! O empenho de vocês não teve limites neste mês!

Até a próxima!

Equipe Mitologia Aberta.

Mitologia Aberta

REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS



Coordenação Editorial
Larissa Dias

ISSN 2764-0299

Equipe Editorial

Editora-chefe: Larissa Dias

Revisão: Fábila Lucas

Projeto Gráfico: Larissa Dias e Jéssica Dias

Ilustração da Capa: "Quimeras", Maycon Moreno

Ilustração da Contracapa: "Medusa", Jéssica Dias

Colaborador Literário: Luiz Júnior

Colaborador Musical: Luis F. Ribeiro - Hell Year Music Company

Edição Original: 2021, Setembro, World Wild Web

Periodicidade: Bimestral

Colaboram Nesta Edição:

Rosângela Filippa, Bruno Feitosa, Adriana Gonçalves, Marcos Ferreira-Santos, Daniel Glezer, Marco Stier, Gabriel Calfa, Diego Porto, Jade Skrabe, Marcelo Azevedo, Jéssica Dias, Ricardo Bajo e Érica Dias

Editora: Scientia Cultura, Educação e Pesquisa LTDA

Endereço: Rua Professor Campos d'Almeida, 52 - Jardim Rizzo - São Paulo - SP - CEP: 05587-010

Revista Eletrônica de Livre Circulação

Todos os direitos reservados a seus autores ou detentores.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, sem a permissão expressa e por escrito da Revista Eletrônica de Mitologia Aberta.

Distribuído on-line por Revista Eletrônica de Mitologia Aberta



REVISTA DE LIVRES PENSADORES MITOLÓGICOS...

LIVRE...

PENSANTE...

O ENCANTAMENTO DOS OLHOS DA MEDUSA É CAPAZ DE TRANSFORMAR SERES HUMANOS EM PEDRA, PARALIZANDO-OS.

ASSIM COMO NA VIDA, PODEMOS SER PARALIZADOS DIANTE DE INÚMERAS LIMITAÇÕES QUE ALGUÉM NOS DIZ ESTAR NO NOSSO CAMINHO.

A LIBERDADE IMPLICA EM ESCOLHER ESTE CAMINHO, MUITAS VEZES DESAFIADOR, E ACEITAR O DESAFIO É PARTE DA JORNADA.

ENTÃO, ENCAREMOS A NOSSA MEDUSA, AQUELA QUE NOS FAZ FICAR PARALISADOS DIANTE DO MEDO DE EMITIR NOSSAS OPINIÕES, DE SER QUEM REALMENTE SOMOS!

PARA QUE A SERPENTE POSSA SER SÍMBOLO DE SABEDORIA E NÃO DE TRAIÇÃO, TEMOS QUE OLHAR DIRETAMENTE NOS OLHOS E DEIXAR, ASSIM COMO O HERÓI PERSEU, QUE O ESPELHO DAS NOSSAS VERDADES PESSOAIS NOS PROTEJA!

PENSE...

LIVREMENTE...

ATÉ A PRÓXIMA EDIÇÃO!

ARTE: "MEDUSA" EM AQUARELA POR **JÉSSICA DIAS**